

MÁRCIA MARIA JUNKES

OS PRONOMES **NÓS** E **A GENTE** EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA
PORTUGUESA

FLORIANÓPOLIS, SC

2008

MÁRCIA MARIA JUNKES

OS PRONOMES **NÓS E **A GENTE** EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof^a Dr^a Izete Lehmkuhl Coelho

FLORIANÓPOLIS, SC

2008

MÁRCIA MARIA JUNKES

OS PRONOMES **NÓS** E **A GENTE** EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA
PORTUGUESA

Esta **dissertação** foi julgada adequada para a obtenção do título de **Mestre em Lingüística** e aprovada em sua fase final pelo Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

Prof. Dr. Fábio Luiz Lopes da Silva
Coordenador da Pós-Graduação em Lingüística

Banca Examinadora:

Profª Drª Izete Lehmkuhl Coelho
Orientadora – UFSC

Profª Drª Edair Maria Görski
Membro – UFSC

Profª Drª Nilcéa Lemos Pelandré
Membro - UFSC

Profª Drª Rosângela Hammes Rodrigues
Suplente – UFSC

DEDICATÓRIA

Para aqueles que tiveram muita fé em DEUS!

AGRADECIMENTOS

À PGL, pela oportunidade de conviver com a comunidade acadêmica, bem como aos professores do curso, em especial à professora orientadora Dr^a Izete L. Coelho.

Aos colegas do curso pela amizade e anos de convivência.

À minha família pelo apoio e ao meu esposo pelo incentivo.

Aos Anjos que me protegeram dos perigos do trânsito, da doença, e da intolerância.

Aos Anjos que me iluminaram na ignorância, na incapacidade e nas noites escuras.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I	03
1 O ENSINO DE LÍNGUA	03
1.1 O livro didático	03
1.2 Os PCNs de Língua Portuguesa	05
CAPÍTULO II	08
2 OBJETIVOS E HIPÓTESES	08
2.1 Objetivo geral	08
2.2 Objetivos específicos	08
2.3 Hipótese central	08
CAPÍTULO III	10
3 REFERENCIAL TEÓRICO	10
3.1 Teoria da variação e mudança lingüística	10
3.2 Variação na sintaxe	13
3.3 Norma e uso lingüísticos	16
CAPÍTULO IV	19
4 PARADIGMA PRONOMINAL	19
4.1 A Variação do paradigma pronominal	19
4.2 Variação dos pronomes pessoais de primeira pessoa	27
CAPÍTULO V	32
5 METODOLOGIA DO TRABALHO	32
5.1 Amostra dos dados	35
5.2 Estrutura de variação	33
5.2.1 Pessoa do discurso	34

5.2.2 Preenchimento do sujeito	38
5.2.3 Paralelismo formal	38
5.2.4 Saliência fônica	39
5.2.5 Gênero textual	40
5.2.6 Finalidade do texto	42
5.2.7 Série de estudo do Ensino Fundamental	44
5.2.8 Coleção dos livros analisados	45
CAPÍTULO VI	47
6 O TRATAMENTO DO PRONOME <i>A GENTE</i> EM LIVROS DIDÁTICOS	47
6.1 Descrição e análise dos dados	47
6.1.1 As variáveis lingüísticas e o VARBRUL	47
6.1.2 Análise dos grupos de fatores considerados relevantes	50
6.1.2.1 Preenchimento do sujeito	50
6.1.2.2 Saliência fônica	52
6.1.2.3 Gênero textual	53
6.1.2.4 Pessoa do discurso	54
6.1.2.5 Série de estudo	55
6.2 ANÁLISE DA VARIÁVEL <i>A GENTE</i> EM LIVROS DIDÁTICOS	56
6.2.1 A coleção <i>Curso Moderno de Língua Portuguesa</i>	59
6.2.2 A coleção <i>A Palavra é sua</i>	64
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78
9 ANEXOS	83

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	O ensino de gramática segundo o autor Douglas Tufano	57
Figura 02	O ensino de gramática segundo os autores Maria Helena Correa e Celso Pedro Luft	58
Figura 03	Abertura do encarte de orientações ao professor da coleção <i>Curso Moderno de Língua Portuguesa</i> .	59
Figura 04	Texto de abertura da unidade 4 da coleção <i>Curso Moderno de Língua Portuguesa</i> para 5ª série.	60
Figura 05	Texto para o ensino dos pronomes pessoais na unidade 4 da coleção <i>Curso Moderno de Língua Portuguesa</i> para 5ª série	62
Figura 06	Texto para o ensino dos pronomes como adjunto adnominal na unidade 5 da coleção <i>Curso Moderno de Língua Portuguesa</i> para 6ª série.	63
Figura 07	Abertura do encarte de orientações ao professor da coleção <i>A Palavra é sua</i>	65
Figura 08	Texto para o ensino de produção textual da coleção <i>A Palavra é sua</i> para 5ª série	66
Figura 09	Texto para o ensino de pronomes pessoais da coleção <i>A Palavra é sua</i> para 5ª série	67
Figura 10	Texto para o ensino de variação lingüística da coleção <i>A Palavra é sua</i> para 5ª série	68

Figura 11	Produção textual – relato de procedimento - de aluno da 8ª série do Ensino Fundamental com ocorrência do pronome A GENTE	71
Figura 12	Produção textual – relato de opinião - de aluno da 8ª série do Ensino Fundamental com ocorrência do pronome A GENTE	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Pronomes pessoais na função de sujeito	21
Quadro 02	Novo paradigma pronominal	23
Quadro 03	Pronomes pessoais do caso reto.	23
Quadro 04	Novo paradigma pronominal com forma verbal não marcada.	24
Quadro 05 -	Estudo comparativo	26
Quadro 06	Preenchimento do sujeito EU segunda a faixa etária	28
Quadro 07	Distribuição do <i>corpus</i> .	33
Quadro 08	Pessoa do discurso	37
Quadro 09	Preenchimento do sujeito	38
Quadro 10	Paralelismo formal	39
Quadro 11	Distribuição dos pronomes por gênero textual	42
Quadro 12	Finalidade do texto	43
Quadro 13	Distribuição de ocorrência por série de estudo.	45
Quadro 14	Distribuição de ocorrência por coleção/autor	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Freqüência em valores absolutos e percentuais, dos pronomes pessoais em função de sujeito	21
Tabela 02	Freqüência e probabilidade de A GENTE, segundo o grupo de fatores Preenchimento do sujeito	51
Tabela 03	Freqüência e probabilidade de A GENTE, segundo o grupo de fatores Saliência fônica	52
Tabela 04	Freqüência e probabilidade de A GENTE, segundo o grupo de fatores Gênero textual	53
Tabela 05	Freqüência e probabilidade de A GENTE, segundo o grupo de fatores Pessoa do discurso	54
Tabela 06	Freqüência e probabilidade de A GENTE, segundo o grupo de fatores série de estudo	55

RESUMO

O objetivo central desta pesquisa é descrever o tratamento dado aos pronomes pessoais de primeira pessoa do plural (NÓS e A GENTE), na função de sujeito, em alguns livros didáticos do Ensino Fundamental, indicados pelo MEC – Ministério da Educação e Cultura, nas últimas duas décadas. A idéia que sustenta esta pesquisa é a de que há variação nas formas pronominais de primeira pessoa do plural nos textos que são publicados nos livros didáticos e essa variação não está vinculada à descrição do A GENTE como pronome nos exercícios de gramática constantes nos conteúdos desses livros. As amostras para pesquisa foram constituídas pelos textos escolhidos para fazerem parte das duas diferentes coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa para as últimas quatro séries do Ensino Fundamental, utilizadas na rede pública de ensino no final da década de 1990 e início de 2000. Para o estudo do fenômeno em variação, os dados foram analisados sob o aparato teórico da teoria da variação e mudança lingüística, proposto por Labov (1972). Foram controlados grupos de fatores lingüísticos e estilísticos, entre eles: pessoa do discurso, paralelismo formal, preenchimento do sujeito, saliência fônica, gênero textual, finalidade do texto, série de estudo e autor/coleção. Também foi realizada uma análise qualitativa de cada coleção, com o intuito de averiguar se há de fato uma preocupação dos autores ou editoras em apresentar, nos livros, questões sobre a valorização da variedade lingüística, visto que uma das coleções fora publicada após a divulgação dos PCNs _ Parâmetros Curriculares Nacionais; e, este documento sugere que a disciplina de Língua Portuguesa valorize as variedades da linguagem oral produzidas pelos falantes. De modo geral, os resultados apontam para um significativo indicador de uso do pronome A GENTE como primeira pessoa nos textos que compõem os livros didáticos de Língua Portuguesa (principalmente da 5a. série), no entanto, o mesmo não é apresentado como uma das formas do paradigma pronominal. Por outro lado, apresentam-se, com evidências na coleção publicada após a introdução dos PCNs, algumas discussões sobre variação lingüística.

Palavras-chave: variação lingüística; pronomes NÓS e A GENTE; livros didáticos.

ABSTRACT

The main objective of this paper is to describe the personal pronouns as nouns with emphasis to the behavior of the pronouns of first person of the plural (we and *a gente*) in schoolbooks of the elementary school, which were indicated by MEC - Ministry of Education and Culture, in the previous and current decades. The idea that sustains the necessity of this research is that there is a variation in the pronoun form of the plural first person in the texts that are published in the schoolbooks and this variation is not related to the description of *a gente* as pronoun in the grammar exercises common in the content of the schoolbooks. The sample for the research was constituted by the texts published in two different Portuguese schoolbook collections for the last four grades of elementary school used by the public schools at the end of the 90's and beginning of 2000. With the aim of studying the phenomenon in variation, the data was analyzed under the light of the theory of variation and linguistic changes proposed by Labov (1972). In order to test the objective of the research, groups from linguistic and stylistic factors were controlled, among them: discourse person, formal parallelism, subject filling, sound salience, textual genre, aim of the text, learning grade and author/collection. A qualitative analysis of each collection was also realized, with the aim of investigating whether the authors or publishing house companies are really worried in presenting, in the schoolbooks, issues about the value of the linguistic diversity, seen that one of the collections was published after the publishing of the PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais; and, this document suggests that Portuguese as a subject values the oral language diversity produced by the speakers. Generally speaking, the results point to an expressive use of the pronoun *a gente* as first person in the texts that compose Portuguese schoolbooks, however, it is not presented as a form of the pronoun paradigm. On the other hand there are, with evidence in the collection published after the introduction of the PCNs, some discussions about linguistic variation.

Key words: linguistic variation; pronouns we and *a gente*; schoolbook

INTRODUÇÃO

O objetivo central desta pesquisa é investigar o comportamento dos pronomes de primeira pessoa do plural (NÓS e A GENTE), na função de sujeito, em alguns livros didáticos do Ensino Fundamental, indicados pelo MEC – Ministério da Educação e Cultura, nas últimas duas décadas.

Este estudo surgiu de constantes dúvidas que inquietam os educadores de língua materna, Língua Portuguesa, no ensino Fundamental e Médio. Com a atuação como professora na área da educação há 19 anos e, em especial, na área do ensino de língua materna há 13 anos, sempre se tornaram polêmicos os debates em sala de aula, quando se discutiam, por exemplo, questões relacionadas à língua falada e à língua escrita ou ao uso e norma lingüísticos. Questões relacionadas ao uso de certas formas (como *você* ou *a gente*) como pronomes pessoais eram levantadas, mas nem sempre bem discutidas, uma vez que, geralmente, nas escolas acaba perpetuando apenas aquilo que as gramáticas tradicionais (doravante GT) e livros didáticos oferecem.

Sabemos que a GT apresenta, em seu capítulo intitulado morfologia, as classes de palavras que supostamente existem na língua e, dentre elas, apresenta a classe de palavras denominada: pronomes. Dentro dessa classe são discutidas, em geral, apenas as definições e a função de cada tipo de pronome. Os pronomes pessoais na função de sujeito, já faz algum tempo, são alvo de polêmica na academia por apresentarem variação. Sabemos também que as formas *nós* e *a gente* estão em variação e são de uso comum na fala dos brasileiros. Alguns autores de gramática apresentam esses fenômenos já consagrados na língua falada, em pequenas notas, mas inserem apenas a forma antiga *nós* no sistema de pronomes pessoais, sem discutir o seu uso, ou a variação dessa forma com o *a gente*.

Este estudo está assim organizado. No capítulo 1, apresentamos uma breve discussão a respeito de algumas questões relacionadas com o ensino de língua. No segundo, apresentamos nossos objetivos e hipóteses gerais. No capítulo 3, estabelecemos o aparato teórico no qual nos pautaremos para estudar a variação lingüística, ou seja, a teoria da variação e mudança lingüística, que nos dá subsídio para discutir a variação na sintaxe e relatar alguns pontos divergentes entre norma e

uso lingüísticos. No quarto capítulo, fazemos um paralelo entre o paradigma pronominal tradicional da gramática normativa e a variação desse paradigma em seu contexto de uso, com ênfase na variação dos pronomes pessoais de primeira pessoa. No capítulo seguinte, descrevemos a metodologia de trabalho apresentando a amostra dos dados e o envelope da variação, ou seja, a variável dependente e as variáveis independentes, bem como as hipóteses específicas para cada uma delas. E, no último capítulo, faremos a descrição e análise dos dados, com o intuito de verificar os condicionadores da forma A GENTE nos livros didáticos, bem como, de fazer uma análise qualitativa a fim de observar alguns contextos de reflexão sobre a variação lingüística apresentados pelos autores dos livros.

CAPÍTULO I

1. O ENSINO DE LÍNGUA

Vamos, a seguir, fazer algumas reflexões sobre o ensino de língua considerando os livros didáticos e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

1.1 O livro didático

Segundo Freitas (1997), a Língua Portuguesa na escola é a única disciplina em que existe uma disputa entre duas perspectivas distintas, dois modos diferentes de encarar o fenômeno da linguagem: a doutrina gramatical tradicional e a ciência lingüística moderna. As demais disciplinas (Ciências, Química, Geografia) tratam dos avanços e mudanças. Quando, por exemplo, ocorre uma mudança nas dimensões de um estado brasileiro, o quanto antes são publicados, nos livros didáticos de Geografia, novos mapas e as alterações; o mesmo acontece com a Biologia, sempre que há novas descobertas nas pesquisas da área, são alteradas até mesmo as grades curriculares do primeiro e do segundo graus. Entretanto, isso não acontece com os livros didáticos de Língua Portuguesa, que se pautam basicamente na Gramática Tradicional (GT).

Para Bagno (1999), os termos e conceitos da GT - estabelecidos há mais de 2000 anos – continuam a ser repassados praticamente intactos de uma geração de alunos para outra. Segundo o autor, o ensino tradicional opera, assim, na imobilização do tempo, um apagamento das condições sociais e históricas, que permitiram o surgimento e a permanência da GT.

Os livros didáticos, ao imporem a Gramática Tradicional, funcionam como uma ideologia lingüística, com resposta única e correta para todas as dúvidas. Por isso, o que não está nos livros é "erro" ou simplesmente "não é português". (BAGNO, 1999, p. 48).

Dessa forma, os livros didáticos induzem o professor de língua portuguesa a atitudes tradicionalistas. Ao receber um texto produzido por um aluno, o primeiro passo do professor é procurar imediatamente os "erros", direcionar toda a sua atenção para a localização e erradicação do que está "incorreto". E não é isso que deveria acontecer. Conforme defende Bagno (1999, p 121): "Em vez de reproduzir uma doutrina gramatical falha e ultrapassada, (...) o professor deverá refletir (...) com bases nos pressupostos mais criteriosos da ciência lingüística moderna".

Para o autor, a idéia é de que os livros, ao invés de darem respostas prontas, devem convidar o aluno a ouvir e enxergar sua própria língua materna, a investigar cientificamente o português vivo do Brasil, e a descobrir por si mesmo a realidade lingüística do nosso país.

Segundo Bechara (1985), no livro *Ensino da Gramática. Opressão? Liberdade?*, os livros didáticos não permitem à escola fazer as distinções necessárias entre gramática geral, gramática descritiva e gramática normativa¹, como conseqüência, a atenção do professor se volta apenas para a gramática normativa como objeto central de sua preocupação, desprezando com isso toda uma série de atividades que permitiriam levar o educando à educação lingüística necessária ao uso afetivo do seu potencial idiomático.

As gramáticas normativas escritas tendem a abraçar todo um território nacional e todo o volume lingüístico para criar um conformismo lingüístico nacional unitário, que por outro lado coloca o individualismo expressivo num plano mais alto, porque cria um esqueleto mais forte e homogêneo para o organismo lingüístico nacional, do qual cada indivíduo é o reflexo e o intérprete. (BECHARA, 1985, p. 32)

De acordo com Bechara (1995), o que sucede é que a língua portuguesa ainda não está exaustivamente estudada, sendo um objeto estranho para os próprios

¹ Segundo Bechara (2001), a **gramática geral** interpreta um idioma com a finalidade de proporcionar uma visão do mesmo aos estudantes que já falam esse idioma como língua materna; a **gramática descritiva** é uma gramática que se propõe a descrever as regras de como uma língua é realmente falada; e, chama-se **gramática normativa** a que busca ditar, ou prescrever, as regras gramaticais de uma língua, posicionando as suas prescrições como a única "forma correta".

gramáticos, que desconhecem de onde vem e até onde vão suas regras, flexões e concordâncias. "E agora está cada vez mais difícil estudarmos a língua, porque na escola, de modo geral, só se estuda sobre a língua e não a língua. Sabemos muito das teorias gramaticais, mas sabemos pouco do funcionamento da nossa língua". (BECHARA, 1985, p. 35).

Para Possenti (1996), quando se trata de ensino de língua materna, não é mais possível o professor ignorar que uma língua é naturalmente variável, que ela depende de dimensões relacionadas ao tempo, ao espaço geográfico e às várias condições sócio-culturais. O professor que aceita essa variabilidade como um fator do cotidiano da vida de uma língua consegue reconhecer que a gramática dos manuais impõe um modelo artificial de língua, que muito pouco tem a ver com os hábitos lingüísticos das pessoas cultas. Ao contrário, o professor que recusa essa concepção, normalmente encara as formas não padrão como erros e classifica os alunos como incapazes.

Mas, afinal, o que dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sobre a variação? Apresentaremos, a seguir, brevemente algumas reflexões.

1.2 Os PCNs de Língua Portuguesa

De acordo com os PCNs, o ensino de língua portuguesa na escola desde 1950 tem sido fortemente discutido por causa da necessidade de melhoria na qualidade da educação no Brasil. O ponto central dessa discussão são a leitura e a escrita. Não se trata de ensinar a fala (ou a escrita) "correta", mas sim, variável e adequada ao contexto de uso.

As novas atividades de prática de ensino, realizadas por um período contínuo de 10 anos, concentraram esforços para mudanças na alfabetização escolar, essas práticas de ensino tinham como o centro de atenção o uso da linguagem. Práticas essas através das quais os alunos utilizarão a língua portuguesa o máximo possível. Sendo assim, a razão principal das propostas de leitura e escrita é a compreensão ativa e não a "decodificação" e o "silêncio". É a expressão e a comunicação através de textos

e não a avaliação da correção do produto. Criar situações objetivando levar os alunos a pensarem sobre a linguagem para compreendê-la e utilizá-la adequadamente são algumas das estratégias a serem propostas. O domínio da língua tem estreita ligação com a plena participação social. É através dela que o homem se comunica e tem acesso à informação. Cabe à escola promover a ampliação do conhecimento progressivamente a todos os seus alunos, para o exercício da cidadania, direito garantido a todos.

Segundo os PCNs (1998), “a linguagem é uma forma de agir interindividual de acordo com a finalidade específica, um processo de conversão realizado nas práticas sociais, nos variados grupos da comunidade e nos diferentes momentos da história.” Dessa maneira, se produz linguagem tanto em uma conversa entre amigos, quanto ao fazer uma lista de compras, dependendo das práticas sociais das quais se participa:

A língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Portanto, aprendê-la é aprender não só palavras, mas seus significados culturais e o modo como as pessoas em seu meio cultural a entendem. (PCN, 1998, p.38)

Os PCNs nos informam que a linguagem verbal fornece meios ao homem de expor a realidade física e social. Quando aprendida, mantém um vínculo muito grande com o pensamento, levando as pessoas a comunicarem suas idéias, pensamentos e intenções de várias maneiras, não importando se há o uso da gramática padrão ou não, assim, produzindo-se a linguagem, aprende-se a linguagem.

Os parâmetros consideram o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa na escola como uma mão de três vias: o aluno, a língua e o ensino. O aluno é o sujeito do ato de aprender, é quem age sobre o objeto de conhecimento. A língua, tal como se fala e se escreve fora da escola, é a que se fala em instâncias públicas e existentes nos textos escritos que circulam socialmente. O ensino é a prática educacional que organiza a mediação entre sujeito e objeto do conhecimento. Para acontecer essa mediação o professor precisa planejar e dirigir as atividades didáticas, orientando e apoiando o esforço de ação e reflexão do aluno. A afirmação de que o "conhecimento é uma construção do aprendiz" vem sendo interpretada de maneira aleatória, como se os

alunos conseguissem aprender os conteúdos sozinhos, sem a ajuda do professor. Essa desinformação tem levado muitos professores a acharem que "agora não é mais para corrigir nada", o que não é verdade. O professor deve saber quando e como agir diante desse problema. "A importância e o valor dos usos da linguagem são determinados historicamente segundo as demandas sociais de cada momento." (PCN 1998, p.85).

Além dessa nova concepção de ver a língua e o ensino de língua, os PCNs vão expor que

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em "Língua Portuguesa" está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. (PCN, 1997, p.29)

E é justamente para verificar como a variação de uma forma pronominal é apresentada nos livros didáticos (ou escondida), tendo como base os PCNs, que propomos este estudo.

CAPÍTULO II

2 OBJETIVOS E HIPÓTESES

Apresentamos a seguir os objetivos e hipóteses gerais de nossa pesquisa.

2.1 Objetivo geral:

Descrever e analisar a alternância dos pronomes pessoais sujeito de 1^a pessoa do plural, NÓS/A GENTE, na língua escrita, apresentada nos textos literários produzidos entre 1980 e 2000, que compõem 8 livros didáticos utilizados por estudantes de 5^a a 8^a série do Ensino Fundamental, com o intuito de ampliar uma explicação para os diferentes usos lingüísticos em confronto com a norma padrão prescrita nas GTs.

2.2 Objetivos específicos:

Investigar grupos de fatores lingüísticos, estilísticos e sociais que possam estar condicionando o uso das formas *nós a a gente*, em cada um dos textos usados nos livros didáticos escolhidos.

Verificar, nos livros didáticos escolhidos, como os autores apresentam o paradigma pronominal, com o intuito de observar se o uso da forma nova A GENTE nos textos literários é percebida (ou não) pelos gramáticos.

2.3 Hipótese central²

Partimos da hipótese central de que há variação das formas pronominais de primeira pessoa do plural na função de sujeito, em nossas amostras, e essa variação **não** está vinculada à descrição do A GENTE como pronome nos exercícios de gramática

² As hipóteses específicas serão discutidas no capítulo da metodologia, juntamente com a discussão dos grupos de fatores (ou variáveis).

constantes nos livros didáticos. É como se os autores fossem cegos à variação encontrada nos textos literários, com a introdução do A GENTE.

CAPÍTULO III

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, vão ser discutidos alguns aspectos da teoria da variação e mudança lingüística com base nos pressupostos labovianos sobre a Teoria da Variação ou Sociolingüística Quantitativa. Nessa abordagem sobre variação daremos ênfase à variação na sintaxe, bem como faremos uma discussão sobre norma e uso lingüísticos.

3.1 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA

A Sociolingüística é uma das áreas da Lingüística que estuda a língua numa comunidade de fala. Seu objeto de estudo é a língua falada em situações reais de uso, dirigindo a atenção, especialmente, aos aspectos sociais para compreender melhor a estrutura das línguas e seu funcionamento.

A dimensão social das formas lingüísticas ficou até a metade do século XX um tanto despercebida. Os estudos lingüísticos realizados, até então, ficaram mais relacionados à fonologia e morfologia, sem muita preocupação com as relações sociais.

A língua se define como sendo um sistema de signos orais ou escritos que os indivíduos de uma sociedade utilizam como instrumentos de comunicação, cada uma a sua maneira. Enquanto código (conjunto de unidades mínimas de número fixo de níveis diferentes, mais regras combinatórias) a língua é comum a todos e existe em função da coletividade. A sua utilização, em qualquer ato de comunicação, é diferente cada vez que se realiza, pois as regras combinatórias são utilizadas de . Assim, um imuitas maneiras. Assim o indivíduo, ao utilizar a língua, que é comum aos demais indivíduos da mesma comunidade, o fará de forma diferente e, ainda, cada ato de fala desse mesmo indivíduo não será igual aos demais. (LOPES, 1998)

Verifica-se, pois, a existência de uma grande variedade de formas de expressão em qualquer língua usada para vários propósitos por um grande número de falantes. O problema da variação abre para a reflexão a respeito do julgamento do que é certo ou errado em linguagem que, por sua vez, são julgamentos relativos e

dependentes do conceito de norma³

Todas as pessoas, mesmo que de maneira inconsciente, sabem que existe uma intrínseca relação entre língua e sociedade. Uma ilustração simples dessa relação (parafraseando Marcos Bagno), e, que provavelmente já ocorreu com a maioria das pessoas, é a tão comum e ao mesmo tempo constrangedora situação de se estar na companhia de alguém que não se conhece e se ver na obrigação de iniciar uma conversa sobre qualquer assunto banal – como o clima, por exemplo, o que poderia não ser a verdadeira intenção das pessoas, e, sim a de investigar algum pormenor sobre o outro para saber como se portar diante do estranho. Como afirma Monteiro (2000, p.16) “..a função da língua de estabelecer contatos sociais e o papel social, por ela desempenhado, de transmitir informações sobre o falante constitui uma prova cabal de que existe uma íntima relação entre língua e sociedade.”

Todas as línguas possuem um dinamismo próprio que as tornam heterogêneas. A variabilidade lingüística presente nas línguas naturais humanas, ou seja, a variação lingüística é o objeto de estudo da sociolingüística, e funciona como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente.

No português brasileiro, existem bons exemplos que são objetos de estudo, na área da variação lingüística, como uma tendência ao uso do pronome pessoal “tu” em algumas regiões do país, enquanto que, na maioria do país, este pronome é usado em menor escala, dando-se ênfase ao “você”, mostrando assim uma diferenciação geográfica, em que os pronomes pessoais estão distribuídos em sistemas de variações diferentes. Outros exemplos, principalmente na área fonológica, mostram que a língua possui duas ou mais formas variantes usadas por um falante, como por exemplo: a pronúncia de baixo/baxo (com ou sem ditongo); homem/home (com ou sem nasalização).

A teoria da variação concebe a língua como sistema heterogêneo, isto é, parte do pressuposto de que a variação na fala de indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade lingüística é sistematizada, ou seja, é condicionada por diversos fatores que podem ser tanto de natureza lingüística quanto social. Cabe aos lingüistas, conforme Lopes (1993, p.63), “...especialmente aos sociolingüistas, o papel de procurar

³ Será apresentada uma abordagem sobre norma na seção 2.3

o que há de regular e sistemático nessa aparente situação de heterogeneidade, observando e descrevendo as variantes lingüísticas”.

Para estabelecer um conceito de variável lingüística é necessário que duas ou mais variantes tenham o mesmo significado e devam dizer o mesmo, de modos diferentes. Segundo Monteiro (2000, p.59), duas ou mais formas distintas de se transmitir um conteúdo informativo constituem, pois, uma variável lingüística. As formas alternantes que expressam a mesma coisa num mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade são denominadas de variantes lingüísticas.

Entendendo que a variação é inerente ao sistema lingüístico, Labov, (1972) incorpora à gramática a noção de regra variável, pressupondo que motivações internas (fatores estruturais) e motivações externas (fatores sociais), em competição, condicionem o uso de um ou outro fenômeno lingüístico. Partindo da freqüência dos dados lingüísticos nos atos de comunicação e não da mera intuição, ou da competência lingüística de um “falante ideal”, torna-se possível determinar que condições (ou forças) lingüísticas ou extralingüísticas estão atuando na aplicação de uma regra variável.

Entretanto, como sabemos, nem todas os fatos da língua sofrem variação. Existem regras gramaticais categóricas. Sabe-se, por exemplo, que na língua portuguesa o artigo se antepõe ao nome, enquanto que em romeno ele se pospõe. Qualquer alternância nessa regra denotaria agramaticalidade, pois se trata de uma regra que não pode ser infringida porque dificultaria a compreensão do enunciado, trata-se, portanto de leis internas da língua que são denominadas de regras invariantes.

Para definir com precisão uma variável é necessário um estudo investigativo que aponte o número de formas alternantes de se expressar o mesmo significado num mesmo contexto; por exemplo a palavra *peruca* pode ser pronunciada, pelo menos, de três maneiras diferentes: *peruka/pɛruka/piruca*. É imprescindível reconhecer todos os contextos em que a variável ocorre, como a situação social, situação de contexto e as situações internas à língua. É importante que fiquem claras as normas lingüísticas, o grau de formalidade e o contexto de interação, e também que se elabore um índice quantitativo para avaliar o valor de uma variável.

Entre as regras variáveis e as invariantes, ocorrem, sem dúvida, em maior escala, as regras variáveis. Segundo Monteiro (2000), as regras variáveis aplicam-se

sempre quando duas ou mais formas estão em questão, num mesmo contexto, e a escolha de uma vai depender tanto de fatores de ordem interna (estrutural) como de ordem externa (social). Além disso, as regras variáveis são mais comunicativas, têm mais estilo e expressão, enquanto que as regras invariantes servem mais para expressar as seleções já realizadas⁴.

Com base nesses pressupostos da Teoria da Variação ou Sociolingüística Quantitativa foram desenvolvidos modelos matemáticos que possibilitam o tratamento estatístico dos dados coletados: modelo aditivo (Labov, 1969); multiplicativo (Cedergren e Sankoff, 1974) e logístico ou misto (Rousseau & Sankoff, 1978). Este último - síntese dos anteriores - tem servido mais eficazmente aos trabalhos de cunho variacionista, pois calcula os pesos relativos dos fatores em relação à variável dependente, a partir das freqüências brutas, levando-nos a identificar a força de cada restrição - lingüística ou social - em relação ao fenômeno variável. É oportuno comentar que a ciência lingüística não está centrada nos dados numéricos, mas, sobretudo na interpretação desses resultados dentro de uma visão teórica da língua para ampliar o entendimento das línguas humanas.

3.2 VARIAÇÃO NA SINTAXE

O conceito de variável lingüística, como já mencionado, pressupõe dizer o mesmo de maneiras diferentes. Essa aplicação é bastante perceptível na área da fonologia, tanto que as primeiras pesquisas desenvolvidas por Labov trataram da variação dos sons na pronúncia de um determinado grupo de palavras. Em seu estudo sobre o inglês falado, na cidade de Nova Iorque, realizado em 1966, com informantes que eram funcionários de uma grande loja de departamentos, o autor investigou a maneira como se apresentava a pronúncia do [r] em posição pós-vocálica. Observou que a presença de segmento fônico [r] pós-vocálico, como nas palavras *car* e *forth*, era bastante ressaltada, principalmente em informantes jovens e de classe social média-alta; enquanto que a ausência era estigmatizada socialmente. Essa variação foi motivada muito mais por fatores externos (sociais) do que internos da língua,

⁴ Essa crítica era feita aos postulados de Chomsky, nas décadas de 50 e 60.

principalmente porque a história mostra, que até a Segunda Guerra Mundial, era a ausência de /r/ pós-vocálico a forma de prestígio em Nova Iorque.

Outro estudo, também realizado na área da fonologia por Labov, mostrou uma situação contrária, o exagero na pronúncia de variantes que não eram de prestígio sociolingüístico. A pesquisa foi realizada em 1963 com os moradores natos da Ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts. Os fenômenos em variação observados foram as duas formas distintas de pronúncia dos ditongos /aw/ e /ay/. Os turistas que vinham passar o verão na ilha pronunciavam o ditongo /aw/ como em [mouse]; e nos moradores da ilha observou-se a pronúncia como em [hâus]. Devido a grande invasão de veranistas, na ilha, que falavam um dialeto mais próximo do padrão, os moradores de Martha's Vineyard passaram a exagerar na pronúncia do ditongo /aw/ para /ew/, tornando-o uma marca da identidade cultural. Na morfologia e na sintaxe, o tratamento das variáveis não parece ter um caminho tão seguro quanto na fonologia. Porém, muitos trabalhos de cunho variacionista já foram realizados na área da sintaxe e comprovaram que existem possibilidades bastante concretas de sistematizar a variação nessas áreas.

Quando Labov aplicou a teoria variacionista em seu estudo que investigava as sentenças ativas e passivas do inglês (cf. WEINER e LABOV, 1983), provocou uma discussão entre muitos estudiosos da sociolingüística que se posicionaram contrários à possibilidade da aplicação, principalmente, Lavandera (1984, p.37) que através de seu artigo: *Los limites de la variable sociolingüística*, não concordando com a teoria, argumentava:

...en el estado actual de la investigación sociolingüística, resulta inadecuado extender a otros niveles de analisis de la variación, la noción de variable sociolingüística desarrollada originariamente sobre la base de datos fonológicos. Los estudios cuantitativos de variación que se ocupan de alternancias morfológicas, sintácticas e léxicas sufren de la falta de una teoría bien organizada de los significados. (LAVANDERA 1984, p.37)

Segundo Monteiro (2000, p.52), na sintaxe "... fica difícil sustentar quando duas

ou mais estruturas expressam um significado único, mesmo no nível referencial ou denotativo...” Mas, o próprio Monteiro acaba, em parte, concordando com Labov, quando analisa que há certas condições que permitem analisar a variação na sintaxe, como: perceber se a variável é freqüente; se ela ocorre numa conversa espontânea; se a variável é estrutural; se a distribuição do traço é altamente estratificada. Uma vez atendendo a estes requisitos, afirma Monteiro, é possível falar em variação na sintaxe na mesma freqüência com a que se fala na fonologia.

Se uma variável sintática está ocorrendo numa conversa espontânea ela está naturalmente sendo utilizada na língua falada e, considerando que o objetivo maior da sociolinguística é descrever a gramática da língua em uso, logo, não é possível restringir somente à análise de variáveis na área da fonologia. Prova disso é o grande número de trabalhos já realizados na sociolinguística com base no aparato teórico da teoria da variação e cujas variáveis são de natureza sintática. Pesquisas como as de Tarallo (1985); Duarte (1995); Omena (1978); Paredes Silva (1988); entre muitos outros, mostram que é possível a análise de variável sintática tão adequadamente quanto na fonologia. Vejamos um dos estudos, o de Fernando Tarallo, que depois veio a se confirmar com o estudo de Mollica (1992).

Tarallo (1993) aponta a função dos termos da oração como um dos grupos de fatores que pode influenciar a realização de uma variável de natureza sintática. Na sua pesquisa, estudou que os termos da oração como: sujeito, objeto direto, oblíquo e genitivo favorecem a situação de ocorrência de um pronome-cópia em estruturas relativas:

- (1) Você acredita que um dia teve uma mulher que ela queria que a gente entrevistasse pelo interfone? (sujeito)
- (2) Aí, esse rapaz aí que eu conheci ele, ele estava lá na festa também. (objeto direto)
- (3) Estava, lembra, com aquela sacolinha que você ia na faculdade com ela. (oblíquo)
- (4) Tem uns lá que eu não saio da casa deles. (genitivo)

Os resultados dessa investigação mostram que a ocorrência do pronome-cópia concentra-se mais no genitivo, seguido de objeto direto.

Quanto ao nosso objeto de estudo, muitos trabalhos já confirmaram que tanto na língua oral quanto na língua escrita existe variação. Para confirmar essa possibilidade no capítulo 5 deste trabalho será estudada a variação dos pronomes NÓS e A GENTE, nos livros didáticos de Língua Portuguesa de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental.

3.3 NORMA E USO LINGÜÍSTICO

Entre a tradição gramatical normativo-prescritiva ditada na maioria das grades curriculares e livros didáticos indicados ao ensino da língua portuguesa, e o uso efetivo da língua escrita e oral, observado na mídia impressa e exames escolares, como também em programas televisivos e apresentações orais formais, percebe-se que há um grande paradoxo entre norma e uso lingüísticos.

Considerando a ampla variação nos fenômenos lingüísticos, que posição assumir frente aos procedimentos didáticos do ensino de Língua Portuguesa do alunado brasileiro? A escola deve insistir em ensinar a norma padrão da língua ou sensibilizar os alunos para a percepção da variabilidade lingüística?

Para encontrar uma resposta à latente questão, faz-se necessário entender o que é considerado por norma. Conforme Castilho (2002, p.26), “entende-se por norma os usos e atitudes de uma classe social de prestígio, sobre o que se erguem as chamadas regras do bom uso”. No entanto, em uma sociedade diversificada como é a brasileira, esse conceito pode assumir outras formas conforme sugere Faraco (2002, p.38) “a norma característica de comunidades rurais de determinada ascendência étnica, a norma característica de grupos juvenis urbanos, a(s) norma (s) características de populações de periferias urbanas, a norma informal da classe média e assim por diante”

Ao definir uma norma para o português brasileiro, percebe-se que há flexibilizações, pois a norma da língua escrita apresenta-se mais conservadora e a norma da língua oral mais inovadora.

Os estudos realizados no Brasil, pelos sociolinguistas, ainda não dão conta de apresentar um perfil da comunidade de fala brasileira, conforme aponta Mattos e Silva (2002). Trata-se de uma tarefa difícil essa, porque o português brasileiro apresenta dois extremos:

Poderia propor que hoje no português brasileiro se configura não apenas uma diglossia, mas um *continuum* dialetal que tem nos extremos as variedades ou dialetos simplificados que são em geral, a expressão de falantes não urbanos e não escolarizados e no extremo oposto a variedade culta expressa sobretudo na escrita que persegue o normativismo tradicional. (MATTOS e SILVA, 2002, p 305)

Um exemplo para entender melhor o que ocorre na fala do português brasileiro é a simplificação dos paradigmas flexionais verbais. Conforme a seleção do pronome pessoal sujeito, o falante vem produzindo um novo paradigma para a flexão do verbo. Nessa variação convivem o paradigma pronominal ditado pela norma padrão prescrita pela GT (seis pessoas, sendo três do plural e três do singular) e o paradigma criado pelo uso lingüístico que se restringe à oposição entre a primeira pessoa e as demais, sem a diferenciação de flexão de número e pessoa, como por exemplo em: “ eu alembro de todos; a gente precisa duma escola; nós pranta é mamona; ela mora em Lontra; você/vocês mora aqui...”(MATTOS e SILVA, 2002, p 306)

Assim como no exemplo citado acima, inúmeras situações de variação lingüística ocorrem na escrita, tanto que, em tempos bastante recentes, a mídia trouxe à tona o antigo chavão de que o português vai muito mal no país. Jornais de grande circulação e muitas revistas têm dedicado colunas sobre a uniformização lingüística transcrevendo acriticamente, apenas, o que está estipulado nos tradicionais manuais de gramática, não se dando por conta de que publicam textos, cuja escrita apresenta considerável variação lingüística, como analisou Faraco (2002). Outro caso que vem a confirmar a impossibilidade de existir uma única norma são os resultados dos Exames Nacionais do Ensino Médio – ENEM. 2,7 (dois vírgula sete milhões) de estudantes

realizaram o exame em 2006⁵; e, no que se referia à Língua Portuguesa (redação), deveriam apresentar o domínio em relação à norma padrão da língua, e, no entanto, o último indicador de aproveitamento na redação, numa escala de 0 a 100, foi **52,08**⁶. Provavelmente, os alunos apresentaram em suas redações problemas com relação ao uso da norma padrão.

Essa questão está muito longe de ser resolvida. Exige, inicialmente, uma retomada sobre os métodos de ensino e a elaboração dos materiais didáticos, como também, um conhecimento maior das condições reais dos alunos e dos professores que aprendem e ensinam a língua, principalmente sobre a formação do professor e a responsabilidade do ensino superior. Conforme aponta Castilho (2002), necessita-se também das contribuições das pesquisas científicas sobre a diversidade de manifestações lingüísticas produzidas nas diferentes regiões do país; e, do posicionamento mais atuante dos lingüistas brasileiros sobre essa realidade; pois havendo a possibilidade de flexibilização da norma para atender às necessidades do uso lingüístico, a escola poderá dedicar-se ao ensino das atividades que realmente importam ao alunado: o domínio da leitura e da produção textual e o uso lingüístico.

Nosso trabalho, neste sentido, pretende contribuir na discussão sobre a possibilidade de os materiais didáticos – livros – de Língua Portuguesa, já no Ensino Fundamental, tratarem com mais clareza das variedades lingüísticas, tão comuns na língua falada e escrita.

⁵ Informação disponível no site do Inep (http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/enem/news07_02.htm)

⁶ Idem.

CAPÍTULO IV

4 PARADIGMA PRONOMINAL

Segundo Tarallo (1993, p.99), os traços que caracterizam o Português Brasileiro entraram para a língua no final de 1800 porque circunstâncias especiais aconteciam naquele momento da história externa (...) sem vias de dúvidas, pode ser afirmado que o cidadão brasileiro já estava de posse, no final do século XIX, de sua própria gramática.

Teysier (1982, p. 77) aponta expressões, em peças do teatro português, datadas de 1788 e 1818, que caracterizam a fala brasileira:

A primeira alusão à maneira de falar desse tipo de personagem aparece numa peça de 1788 (*O Miserável Enganado*). É necessário, no entanto, esperar *O Periquito ao Ar* ou o *Velho Usuário*, de Manuel Rodrigues Maia (...) para encontrar uma série de pormenores caracterizadores da língua do personagem: *mi diga (diga-me)*, *di lá (de lá) senhorinho*, emprego generalizado de *você*, etc. (TEYSSIER, 1982)

Para entender a diferença que há entre os pronomes pessoais sujeito que a GT preconiza e os que os falantes do Português Brasileiro (PB) produzem é importante retomar alguns dos estudos já realizados por lingüistas brasileiros, mais especificamente entre as décadas de 1970 a 1990 e início do século XXI, como os de Monteiro (1994), e o de Freitas (1997), além dos trabalhos dirigidos especificamente à variação dos pronomes pessoais sujeito de primeira pessoa, como os de Menon (1995), Omena (1996), Silva (2004), entre outros.

4.1 A VARIAÇÃO DO PARADIGMA PRONOMINAL

O estudo de Monteiro (1994) é o resultado de uma intensa investigação. O autor partiu de uma premissa maior, a de que os aspectos sociais da linguagem têm grande influência nas escolhas que os falantes fazem para o emprego dos pronomes.

O seu estudo objetivava averiguar se a língua oral do Brasil poderia ser considerada como língua de sujeito nulo⁷. E, para isso, testaria a ocorrência ou não dos pronomes pessoais na função de sujeito em uma amostra composta por dados de fala com 60 inquéritos pertencentes ao *corpus* compartilhado do Projeto NURC – Norma Urbana Culta do Brasil⁸, que foram distribuídos igualmente entre região (Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Salvador e Recife); sexo e três faixas etárias (25 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 a 70 anos).

Porém, durante o levantamento dos dados, que totalizou a presença de 6.986 pronomes pessoais na função de sujeito e 4.705 ausências, contrariando afirmações de que a língua oral do PB é caracterizada por sujeito nulo, revelaram-se alguns pronomes pessoais como (*você, vocês, a gente, se*), que não estavam selecionados para as análises quantitativas, pois, a princípio, testar-se-iam os pronomes que costumam aparecer nas GTs, como (*eu, tu, ele, nós vós, eles*).

Segundo Lopes (1998. p.02):

No tocante à apresentação dos pronomes pessoais pelas diversas gramáticas normativas, não são verificadas divergências significativas. As questões mais problemáticas dizem respeito aos seguintes pontos: 1) a não inclusão de formas amplamente utilizadas na linguagem coloquial, como é o caso de *você/vocês/a gente* e 2) a concepção equivocada nas noções de número e pessoa. Com relação à forma *a gente*, as gramáticas não apresentam uma posição coerente e única. A classificação é, em geral, controversa, pois ora consideram *a gente* como pronome pessoal, ora como forma de tratamento, ou ainda como pronome indefinido, comentando-na apenas em notas ou observações de rodapé. (LOPES, 1998)

Como muitos dados não seriam aproveitados, comprometendo a qualidade da investigação, Monteiro optou por uma outra delimitação de conjunto dos pronomes

⁷ Sujeito Nulo é a classificação dada ao sujeito quando não é necessária a presença de um pronome pessoal na posição de sujeito, pois a morfologia verbal é distintiva para a maioria das pessoas.

⁸ Arquivo sonoro com cerca de quinze mil dados de fala de cinco capitais brasileiras: Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

peçoais sujeito, conforme quadro abaixo, que contribuiu para alterar o rumo inicial do trabalho e abrir outra área de investigação.

Quadro 1 - Pronomes pessoais na função de sujeito

Pessoa	Pronome
1ª pessoa do singular	<i>Eu</i>
2ª pessoa do singular	<i>Você</i>
3ª pessoa do singular	<i>Ele(a)</i>
1ª pessoa do plural	<i>Nós/a gente</i>
2ª pessoa do plural	<i>Vocês</i>
3ª pessoa do plural	<i>Eles(as)</i>
Pessoa indefinida	<i>Se</i>

Para a segunda pessoa dispensou-se o ***tu***, pois as ocorrências eram muito esporádicas na amostra, como também o ***vós***, que não apresentou nenhuma ocorrência. O tratamento geral era ***vocês***, mesmo quando se usava ***tu*** para o singular. Junto com o ***nós*** o autor acrescentou o pronome ***a gente***, tanto pela alta frequência quanto por envolver possíveis mudanças no quadro pronominal. Incluiu o pronome ***se*** fundamentando que qualquer pronome sujeito pode ser usado em caráter indefinido e excluíram-se os pronomes ***o senhor*** e ***a senhora*** por apresentarem frequências muito baixas e serem usados ao lado de outras formas pronominalizadas (***o doutor, o professor, o ilustre...***). Realizados todos os ajustes, Monteiro calculou os valores absolutos e percentuais dos pronomes pessoais na função de sujeito, conforme tabela abaixo.

Tabela 1 – Frequência em valores absolutos e percentuais, dos pronomes pessoais em função de sujeito

Pronomes	Valores absolutos	Valores percentuais
Eu	2.727	39%

Ele	1.289	18%
Nós	765	11%
Se	587	8%
Eles	527	8%
Você	465	7%
A gente	461	7%
Vocês	161	2%
Total	6.986	100%

(Monteiro, 1994, p 131)

Kato (1996) e Cyrino (1993) apontam fatos sintáticos sobre as modificações no quadro pronominal do Português Brasileiro: O clítico **te**, forma oblíqua de **tu**, apresenta-se em alternância com o pronome **você** em posição acusativa.

Para Cyrino (1993, p.166) o preenchimento com o pronome forte em posição acusativa se estende aos pronomes de terceira pessoa quando o referente é [+animado] como em (b). O clítico acusativo de terceira pessoa é também, segundo esta autora, o primeiro a desaparecer. A sentença em (c) mostra a categoria vazia na posição do objeto, fenômeno conhecido na literatura lingüística como objeto nulo.

- a) Maria procurou você, mas não te viu.
- b) Maria procurou o Pedro, mas não viu ele.
- c) Pedro viu o casaco barato, mas não o/Ø comprou.

Monteiro (op. cit.), concluindo o trabalho, afirma que o sistema dos pronomes pessoais está sofrendo uma reestruturação, que pode ser confirmada com a substituição do pronome **vós** por **você(s)**. O pronome **você** não só ocupa a lacuna deixada por **vós**, mas ameaça a existência do pronome **tu**, salvo no estado do Rio Grande do Sul e poucos estados do país como, Santa Catarina, em especial na região litorânea, onde se tem preferência pelo uso do pronome **tu**. Da mesma forma, também outras substituições lutam por se impor como é o caso do emprego de **a gente** em vez de **nós** e do uso de **se** em situações de pronome pessoal sujeito indefinido.

Vem contribuir com as discussões sobre o novo paradigma pronominal a pesquisa a respeito da variação dos pronomes pessoais sujeito, realizada por Freitas (1997a), como podemos observar no quadro 2, abaixo.

Quadro 2 – Novo paradigma pronominal

Pessoa/Número	Pronome
<i>1ª p singular</i>	<i>EU/A GENTE</i>
<i>1ªp. plural</i>	<i>NÓS/ A GENTE</i>
2ªp. singular	TU/VOCÊ/ O (A) SENHOR (A)
2ªp. plural	VOCÊS/ OS (AS) SENHORES (AS)
3ªp. singular	ELE (A)
3ªp. plural	ELES (AS)

(Freitas, 1997a, p. 18)

Este quadro 2, dos pronomes pessoais sujeito já é reconhecido na comunidade lingüística como sendo o do novo paradigma dos pronomes pessoais, na função de sujeito, que está competindo com o quadro apresentado pela GT, conforme se ilustra abaixo, no quadro 3.

Quadro 3 – Pronomes pessoais do caso reto.

Pessoa/Número	Pronome
1ªp. singular	EU
1ªp. plural	NÓS
2ªp. singular	TU
2ªp. plural	VÓS
3ªp. singular	ELE (A)
3ªp. plural	ELES (AS)

(Tufano, 1997, p. 26)

Alguns autores de manuais escolares e livros didáticos até usam a expressão “novos pronomes”, segundo Menon (1996), inclusive os apontam em forma de exercícios ou nos textos, porém não discutem o novo paradigma pronominal, até porque os próprios autores não sabem lidar com esses fatos da língua. Isto se revela quando autores de gramáticas vão apresentar o pronome “você”, ora o definem como forma de tratamento, ora como pronome de tratamento e o mesmo ocorre com o pronome o(a) senhor(a). Com relação ao pronome *A GENTE*, a definição é mais distante ainda da sua real função, muitos continuam enfocando esse pronome como a locução composta de artigo e de substantivo feminino de *gente*.

Enquanto a norma escolar ignorar o novo paradigma pronominal, também não irá dar conta de explicar o desaparecimento de marcas morfológicas dos verbos que acompanham estes pronomes, como pode ser observado no quadro 4.

Quadro 4 - Novo paradigma pronominal com forma verbal não marcada.

Número	Pessoa	Verbo
Singular	Eu	Estudo
Singular	<i>A gente</i>	Estuda
Singular	Você	Estuda
Singular	Ele(a)	Estuda
Singular	O(a)senhor(a)	Estuda
Plural	Nós	estudam
Plural	<i>A gente</i>	Estuda
Plural	Os(as)senhores(as)	Estudam
Plural	Eles(as)	Estudam

(Freitas, 1997b, p.26)

Com a investigação do uso dos pronomes pessoais no português falado no Brasil, pois observava que a fala dos seus alunos não correspondia exatamente ao que

constava na GT sobre pronomes, Freitas escolheu para estudo os pronomes pessoais na função de sujeito e também utilizou os dados do Projeto NURC. Selecionou uma amostra de 40 horas de gravações realizadas com 60 informantes dos dois sexos e três diferentes faixas etárias, distribuídos pelas cinco cidades que o projeto abrangeu. O exame deste *corpus*, em 1994, resultou em uma pesquisa intitulada: *Os pronomes pessoais sujeito na norma culta do Brasil: variáveis sociolingüísticas*. Essa pesquisa conseguiu extrair da fala culta brasileira os seguintes pronomes pessoais sujeitos:

Trechos dos diálogos⁹

“__ **Eu** gosto de andar a cavalo” (RJ)

“__ **Você** viu o caminhão que apareceu outro dia aí num desses jornais de televisão?” (SSA)

“__ Por que **tu** disseste que achas que ali entra a compreensão?” (POA)

“__ **O senhor**, como foi professor, deve ter notado isso, não é?” (POA)

“__ Mas lógico! **A senhora** acha que pensar não é aproveitar o tempo? Ah, Bueno.” (POA)

“__ Araci não é paulista.

__ Mas **ela** fez o curso aqui.

__ **Ela** veio de São Paulo fazer a Escola de Arte Dramática aqui, mas **ela** é do Mato Grosso. Agora O J., **ele** fala feito um caipira do interior do estado.” (SP)

“__ Mas **você** deve se lembrar que nós saímos para jantar e ficamos rodando por toda parte.” (RJ)

“__ **A gente** falou há pouco, no Mobral.” (RE)

“__ ... Eu não sei se **vocês** já tiveram a oportunidade de ver...” (RE)

“__ Eu tenho a impressão que **os senhores** botaram seus filhos aqui...” (RE)

“__...Mas **as senhoras** foram tão gentis...”(POA)

⁹ Trechos dos diálogos extraídos de Freitas (1997a p.21-23)

“ __ ...**Eles** nascem alvinhos e depois **eles** vão ficando pretos.” (RE)

“ __ Agora é que saíram as lanchas...**elas** são a jato, jato d’água, não tem lema..” (SSA)

A constatação de que os pronomes pessoais sujeitos, grifados no trecho escolhido acima, são recorrentes na fala culta dos brasileiros apontou o distanciamento entre a pesquisa científica e a sua aplicação ao ensino.

Quadro 5 - Estudo comparativo

Pronomes aprendidos na escola	Pronomes aprendidos no diálogo
Eu	Eu
Tu	Você, a senhora
Ele, ela	Ele
Nós	Nós, a gente
Vós	Vocês
Eles, elas	Eles

(Freitas, 1997a, p.17)

Frente às constatações de que os pronomes pessoais sujeito estão inseridos nos diálogos, na fala culta dos brasileiros, Freitas observa a possibilidade de ressignificar seus conteúdos, ou seja, sugere que o pronome de tratamento passe a ser discutido como pronome pessoal, por exemplo.

Da constatação desse fato fez nascer outro projeto; este, então, com o objetivo de aproveitar os conhecimentos revelados naquele e aplicar ao ensino. O projeto denominou-se: *Da pesquisa lingüística à gramática pedagógica: uma incursão no campo dos pronomes pessoais sujeito*¹⁰ que resultou, em 1997, numa proposta de

¹⁰ Freitas, Judith. Da pesquisa lingüística à gramática pedagógica: uma incursão no campo dos pronomes pessoais sujeito.

ensino de língua portuguesa sob o título de *Os pronomes pessoais sujeito no ensino fundamental – teoria gramatical e orientação ao professor*¹¹, que retomaremos posteriormente.

Vários outros estudos, os quais iremos abordar na seqüência, também discutem o pronome pessoal sujeito, descrevendo a variação pronominal de maneira mais detalhada e seu comportamento na primeira pessoa do discurso, tanto no singular quanto no plural.

4.2 VARIAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAIS DE PRIMEIRA PESSOA

Especificamente sobre a variação do pronome pessoal sujeito de 1ª pessoa, Menon (1996), no trabalho *Uso dos pronomes sujeitos de 1ª pessoa: uma análise sociolingüística*, apresenta parte de um amplo e complexo estudo, que é a descrição do sistema pronominal em uso no português falado do Brasil. Nesta análise, a autora não fez referência ao pronome A GENTE, pelo motivo de que o objetivo principal era verificar se estaria ocorrendo a utilização mais freqüente do pronome sujeito expresso EU/NÓS.

O *corpus* utilizado para a realização desse trabalho foi de vinte entrevistas do tipo EF (Elocuções Formais) que fazem parte do banco de dados do Projeto NURC/SP, distribuídas por sexo, masculino e feminino e três faixas etárias, a primeira entre 25 e 35 anos; a segunda entre 36 e 55 anos e a terceira acima de 56 anos, num total de 1560 dados. Como variáveis independentes, além dos fatores sociais, sexo e faixa etária, foram controladas também: posição do pronome, tipo do pronome, marcas auxiliares, tipo de verbo, tipo de ocorrência, tipo de oração, tipo de conjunção e concordância com o infinitivo. Os grupos de fatores lingüísticos foram selecionados de forma que permitissem focalizar as condições de favorecimento na aplicação da regra de preenchimento do sujeito; essa constituiu a variável dependente, com a seguinte codificação:

¹¹ Freitas, Judith. Os pronomes pessoais sujeito no ensino fundamental.

1. presença do pronome: EU **629** dados
 2. ausência do pronome: EU 309 dados
 3. presença do pronome: NÓS **377** dados
 4. ausência do pronome: NÓS 245 dados
- (Menon, 1996, p. 96)

Na primeira análise dos dados já se evidenciou a presença muito acentuada do pronome sujeito junto às formas verbais, o que chama a atenção, visto que o PB vinha sendo considerado uma língua de sujeito nulo. Em segunda, ficou evidente o uso do pronome EU entre a geração mais nova, conforme apresenta-se no quadro abaixo:

Quadro 06 – Preenchimento do sujeito EU segunda a faixa etária

Faixa Etária	Eu	Zero	Nós	Zero
1ª faixa etária (25-35 anos)	215	92	139	98
2ª faixa etária (36-55 anos)	208	66	194	93
3ª faixa etária (acima de 56 anos)	206	151	44	54

(Menon, 1996, p.75)

Com relação aos demais fatores sociais e lingüísticos, não apresentaremos as análises devido ao fato de que o mais significativo foi o fator social idade, revelando-se no alto índice de ocorrência explícita do pronome de 1ª pessoa do singular e do plural entre os falantes da faixa etária jovem.

Conforme conclui Menon (op. cit.), há variação no uso dos pronomes de 1ª pessoa, no Português Brasileiro, assim como em outras línguas, como mostrou-se no francês, porém, não é possível afirmar um processo de mudança, mesmo constatando que a geração mais nova usa mais o pronome de primeira pessoa do

singular EU; isso pode ser apenas um fenômeno de idade que pode passar com o tempo. À medida que os jovens se tornem mais velhos, é possível que passem a usá-los menos, e, para termos esta certeza, é preciso um acompanhamento longitudinal, pois trabalhar com o tempo aparente pode vir a não confirmar a mudança.

Como vem se mostrando em estudos da Sociolingüística, entre os pronomes sujeitos de 1ª pessoa, também está incluso o pronome A GENTE, que tanto é usado para a 1ª pessoa do singular quanto do plural, na língua oral e escrita. Vamos elencar algumas pesquisas específicas sobre a variação dos pronomes NÓS e A GENTE, realizadas por sociolingüistas de diferentes regiões do país, que poderão nos dar um panorama do comportamento destes pronomes, bem como servir de parâmetro para este trabalho.

Menon (1995), ao escrever seu artigo: *A GENTE, EU, NÓS: sintomas de uma mudança em curso no português do Brasil?*, traz inicialmente a indagação de como explicar esse fenômeno. Investigando ainda os dados do Projeto NURC/SP, levanta a hipótese de que a explicação possa estar em relação a usos diferenciados, pelas diversas faixas etárias, de *a gente*, *eu* e *nós* como indeterminadores do sujeito. E, confere que pessoas jovens e idosas usam mais o pronome *a gente* ao invés do pronome *eu*. Já as pessoas adultas, ativas, usam mais o pronome *eu*. O pronome *nós* de uma forma geral é o menos usado, dando lugar ao pronome *a gente*.

A pesquisa de doutorado, realizada por Lopes (1998), posteriormente, publicada na revista D.E.L.T.A. com o título: *Nós e a gente no português falado culto no Brasil*, também com base num corpus de entrevistas do Arquivo Sonoro do Projeto NURC, revela constatações que confirmam a preferência pelo uso do pronome A GENTE, na posição de sujeito, entre as faixas etárias bem jovens e de bastante idade. Porém, o objetivo do trabalho era o de averiguar como se comportava a variação dos pronomes *nós* e *a gente* nessa posição, entre falantes cultos e menos cultos. Entre as variáveis lingüísticas e sociais estudadas, os resultados foram mais significativos nas variáveis sociais: região geográfica (sul, sudeste e nordeste), faixa etária e sexo. Os resultados apontaram que o pronome A GENTE, na posição de sujeito, é mais usado na fala dos informantes cariocas, jovens, menos cultos do sexo feminino.

Observemos, agora, os resultados do trabalho de Tamanine (2002), sobre a

alternância *nós* e *a gente*, na fala de informantes do interior de Santa Catarina. O objetivo da pesquisa era verificar a alternância dos pronomes de primeira pessoa do plural em posição de sujeito. Contendo o corpus com 6.930 ocorrências, 55% dos informantes utilizaram o pronome *a gente* e 45% o pronome *nós*, sendo que a variável faixa etária apresentou maior relevância.

Outras pesquisas¹², assim como as já apresentadas, independente dos fatores lingüísticos investigados, também destacam, no fator social, a faixa etária como maior condicionador do uso do pronome A GENTE. Se desde a década de 80, as pesquisas nesta área estão apontando um resultado bastante semelhante, já não seria tempo de se pensar em mudança?

Menon, em uma exposição oral, aos alunos da PGL- UFSC, em março de 2003, refletindo com acadêmicos sobre a trajetória dos seus estudos a respeito dos pronomes acredita que não, ainda; seria necessário mais tempo, ou melhor, atravessar mais gerações. Entende que os mais jovens apontam essa preferência por não estarem sendo tão monitorados às condições de inserção num ambiente social e profissional que exija mais a GT, e, da mesma forma as pessoas mais velhas, que já passaram por esse período, e podem novamente utilizar mais a gramática internalizada.

A GENTE está se gramaticalizando? Questionam Omena e Braga (1996), no título dos estudos que publicaram. Partindo do substantivo feminino latino *gens, gentis*, até a palavra *gente*, que é no PB um substantivo coletivo que denomina um agrupamento de seres humanos, desde o início do século XX percebeu-se a alteração semântica incorporando o significado de primeira pessoa do discurso, acompanhado do artigo feminino *a*. A *gente*, expressão substantiva, passa então a “a gente” pronome. É chegado o processo de gramaticalização¹³.

A GENTE: se gramaticalizou. Afirmativa que deu título ao trabalho de Menon (1996), segundo o qual o substantivo a gente alterou-se no nível morfo-sintático passando de locução nominal a pronome conforme a seguinte cadeia de

¹² Vale ressaltar aqui, também, trabalhos como os de Zilles (2003) e Silva (2004).

¹³ Gramaticalização é, grosso modo, um fenômeno em que a alteração do significado da palavra corresponde a uma mudança lingüística, que vai, nesse caso, de um significado lexical para um significado gramatical com conseqüente mudança categorial.

transformação:

LPN	LNE	LNI	Pron. Indefinido	Pron Pessoal 1^a p.
...gente...	a gente	(a gente)	a gente	a gente

“ ...LPN corresponde à etapa em que a gente poderia constituir locução nominal expandida à direita ou à esquerda; LNE corresponde à formação do locução nominal especial, com a adjunção do artigo a, mas ainda com a possibilidade de uso no singular e no plural; LNI corresponde ao momento em que LNE perde a capacidade de ser usada no plural e se especializou. Sendo forma fixa e passando a ser empregada como meio de indeterminar o sujeito, se transformou em pronome indefinido. Como tal, passou a ter concordância do predicativo no gênero não- marcado, idêntico à forma masculina.” (MENON, 1996, p. 626)

Constatado que A GENTE é um pronome pessoal sujeito adequado ao paradigma dos pronomes pessoais, sobretudo na língua falada do PB, pretendemos analisar nos livros didáticos de Língua Portuguesa para alunos de 5^a a 8^a série do Ensino Fundamental, fatores que motivam a variação no uso dos pronomes pessoais sujeito NÓS e A GENTE.

CAPÍTULO V

5 METODOLOGIA DO TRABALHO

Os passos para a seleção e escolha dos textos que compuseram a amostra do objeto de pesquisa desta dissertação, bem como a organização, fundamentação e discussão do envelope de variação serão apresentados neste capítulo.

5.1 AMOSTRA DOS DADOS

Todo estudo de cunho variacionista parte do levantamento de dados de fala ou de escrita para compor um *corpus* que será analisado de acordo com o que se propõe. Independente de a análise dar enfoque ao léxico, à fonologia, morfologia, sintaxe ou discurso é imprescindível para um bom resultado, nos estudos de variação, uma amostra com uma considerável quantidade de ocorrências de dados que estão em concorrência.

A amostra que compreende esta pesquisa constitui-se de dados de língua escrita. São textos que foram selecionados para compor livros didáticos de Língua Portuguesa, indicados e distribuídos gratuitamente pelo MEC – Ministério da Educação e Cultura, nas escolas públicas de todo o país, para alunos de 5ª a 8ª série do ensino fundamental, na década de 1990 e 2000.

Esses livros fazem parte do PNLD - Plano Nacional do Livro Didático, programa do governo federal, que desde a década de 80 envia a cada 4 anos, para as escolas de todo o país, várias coleções para serem analisadas e escolhidas pelas unidades escolares para servirem de subsídio aos conteúdos que serão estudados. A maior parte das escolas públicas, atualmente, utiliza o livro didático em pelo menos cinco disciplinas do ensino fundamental, principalmente de 5ª a 8ª série. (Língua Portuguesa, História, Geografia, Ciências e Matemática). O livro que interessa a este estudo é utilizado na disciplina de Língua Portuguesa.

Foram selecionadas duas diferentes coleções de livros para as últimas quatro séries do ensino fundamental, uma da Editora Scipione e outra da Editora Moderna,

ambas de São Paulo/SP, porém, uma coleção foi utilizada nos últimos quatro anos da década de 1990 e outra entre o ano 2001 e 2004. A primeira coleção é a - *Curso Moderno de Língua Portuguesa*, de Douglas Tufano - 1995 e a segunda, *A Palavra é sua*, de Maria Helena Correa e Celso Pedro Luft – 2000. Tanto Tufano quanto Luft são autores de gramáticas da Língua Portuguesa. O critério que motivou a escolha dessas coleções diz respeito ao fato de as mesmas fazerem parte do PNLD _ Plano Nacional do Livro Didático e serem do nosso conhecimento e utilização.

Os 8 livros apresentaram 247 textos. Desse total, 88 textos apresentaram o objeto de investigação, somando 318 ocorrências de pronomes pessoais **Nós e A GENTE**, conforme pode ser observado no quadro abaixo:

Quadro 07 - Distribuição do *corpus*.

Série	Editora/ANO	Autor/coleção	Textos por livro didático	Textos com ocorrência de NÓS/A GENTE	Ocorrências de NÓS/A GENTE
5ª	Moderna 1996	Tufano	22	11	46
6ª	Moderna 1996	Tufano	31	14	87
7ª	Moderna 1996	Tufano	31	7	18
8ª	Moderna 1996	Tufano	45	15	54
5ª	Scipione 2000	Correa e Luft	29	8	18
6ª	Scipione 2000	Correa e Luft	26	11	36
7ª	Scipione 2000	Correa e Luft	30	14	33
8ª	Scipione 2000	Correa e Luft	33	8	26
			247	88	318

5.2 ESTRUTURA DE VARIAÇÃO

A variação lingüística é um fenômeno comum à maioria das línguas e pressupõe a existência de outras formas ou outras alternativas, chamadas variantes lingüísticas. A variação que ocorre em determinado fenômeno lingüístico estudado, conceitualmente, é chamada de variável dependente.

As variantes, ou as diversas formas da variável dependente, podem ser condicionadas por grupos de fatores ou variáveis independentes, que podem ser de natureza lingüística (interna à língua) ou extralingüística (externa/social à língua). A variável dependente, neste estudo, refere-se aos pronomes pessoais sujeito: NÓS e A GENTE.

Para estudar as motivações da variação no uso dos pronomes Nós e A GENTE, nos textos dos livros didáticos, anteriormente apresentados, elencamos as variáveis independentes em 7 grupos de fatores lingüísticos e estilísticos: 1.Pessoa do discurso; 2.Paralelismo formal; 3.Preenchimento do sujeito; 4.Gênero textual; 5.Finalidade do texto; 6.Série de estudo do ensino fundamental e 7.Autor da coleção. Em cada uma das variáveis discutidas, apresentamos nossas hipóteses específicas.

5.2.1 Pessoa do discurso

O sistema de pronomes abordado em português por Câmara (1970) se define a partir da função básica de indicar a noção de pessoa. O autor caracteriza para o pronomes *eu/nós* (primeira pessoa) e *tu/vós* (segunda pessoa), a função de falantes/ouvintes e a todas as que ficam fora desse eixo de falante/ouvinte caracteriza como a terceira pessoa: *ele/eles/ela/elas*. Está claro, segundo essa definição que o pronome de terceira pessoa não se refere a um dos protagonistas do discurso, pois que não é falante /ouvinte, não participa do ato comunicativo.

Benveniste ([1960] 1996, p.227), ao discutir a natureza dos pronomes contesta a noção de “pessoa”, pois essa noção só é possível para *eu/tu* e não para *ele*. A terceira pessoa representa o membro não marcado na correlação de pessoa e dessa forma torna-se uma “não-pessoa”. A terceira pessoa está inserida no conteúdo da fala e não do ato discursivo. A prova desta afirmação faz-se pela constatação de que a primeira e a segunda pessoas podem ser como afirma Benveniste “inversíveis”, podendo *eu* passar a ser *tu* e o contrário, no discurso, enquanto que *ele* não pode assumir esse papel, não há um outro pronome para fazer a inversão. Desta forma, segundo o autor, seria mais adequado o pronome pessoal de terceira pessoa assumir o papel de nome.

Seguindo esse raciocínio, a pessoa do discurso é entendida por Benveniste

pelos elementos que participam do discurso, ou seja, os falantes e os ouvintes, e as pessoas do discurso seriam as primeiras e segundas pessoas, apenas. A terceira pessoa estaria fora desse circuito da comunicação. Não vamos, aqui, alongar essa diferenciação de conceitos, pois o foco desta pesquisa recai sobre a variação da primeira pessoa, mas de todo modo é interessante essa discussão, pois nos parece bastante fundamentada a idéia de que o pronome **ele** não possui função ativa no discurso.

Focando a primeira pessoa do discurso, tanto do singular quanto do plural, esperamos que as variantes NÓS e A GENTE que ocorrem nos textos escritos dos livros didáticos pesquisados neste estudo, denotem, na posição de sujeito, vários referentes. Silva (2004, p. 90), em sua dissertação de mestrado, apontou que “as variantes nós, a gente, -mos e zero, (...) podem veicular, na posição de sujeito, os referentes: *eu, eu + tu, eu + tu + ele(s), eu + eles, referenciais genéricos e opacos*”. A autora considerou esses pronomes como uma estratégia de designação referencial que veicula vários referentes dentro de uma prática discursiva e seu estudo revelou que esses pronomes são empregados em situações em que predomina a pessoa do discurso determinada, como em *eu, eu + tu, eu + ele/s*.

Vem reforçar a definição de os pronomes Nós e A GENTE fazerem referências às pessoas do discurso determinadas o estudo de Zilles (2003), que comparou os dados de fala dos informantes do NURC, da década de 70, com os dados de fala do VARSUL, década de 90. Esse comparativo revelou que no período entre as décadas de 70 e 90 o pronome A GENTE determinado passou de 0,30 para 0,62 no que diz respeito à pessoa do discurso determinada (*eu, eu + tu, eu + tu + ele/s, eu + ele/s*).

Embora os estudos acima mencionados tenham sido realizados com base em *corpus* de dados de fala, a hipótese aqui levantada é a de que em dados da língua escrita também vamos encontrar os pronomes NÓS e A GENTE veiculando vários referentes, mas, o A GENTE vai ser mais encontrado se referindo à pessoa do discurso cujo sujeito é indeterminado.

Vejam os exemplos extraídos dos textos dos livros didáticos que compõem o *corpus* da nossa pesquisa:

- a) **Nós** ou **A GENTE** referindo-se a **EU**

(1) /.../A galinha é um bicho com seis lados: esquerdo, direito, em cima, embaixo, atrás e na frente. Está sempre limpando os pés como a mamãe manda que **a gente** faça /.../

(Amostra do livro de 5ª série.)

O escritor utiliza o pronome A GENTE, nesse texto, quando um menino descreve, conforme sua visão, o que é uma galinha e depois compara o comportamento de ciscar (próprio dessas aves) que é arrastar os pés rente ao chão, com o que a mãe solicita que o menino faça ao entrar em casa, arrastar seus pés ao tapete. Salientando que no contexto da trama não há outras personagens, apenas o menino e a sua mãe, nesse sentido o pronome A GENTE está sendo utilizado no lugar do pronome EU sem perder o sentido da referência: “Está sempre limpando os pés como a mamãe manda que **eu** faça; ou, Está sempre limpando os pés como a mamãe manda **eu** fazer.”

b) **Nós** ou **A GENTE** referindo-se a **EU + TU**

(2) Mendigo 1:

__ Eu tive dor de estômago a noite toda.

Mendigo 2:

__Eu também. Será que foi alguma coisa que **a gente** não comeu?

(Amostra do livro de 5ª série)

Como o diálogo ocorreu entre duas pessoas, mendigo1 (eu) e mendigo 2 (tu), o pronome A GENTE foi utilizado para fazer referência à pessoa do discurso EU + TU.

c) **Nós** ou **A GENTE** referindo-se a **indeterminado**.

(3) __Chegou a hora de começar o treinamento para a liberdade. (...) Liberdade é poder fazer aquilo que **a gente** quer muito, muito mesmo.

(Amostra do livro de 5ª série)

O contexto dessa fala é a de um líder falando aos seus seguidores sobre o significado de liberdade, que pode ser entendido por: “Liberdade é poder fazer aquilo que **todos**, ou todas as pessoas, todo mundo quer.” E, entendido dessa forma, o pronome A GENTE passou a se referir a uma pessoa do discurso indeterminada. Nesse tipo de exemplo de ocorrência do A GENTE com referencial indeterminado está centrada a nossa hipótese.

Observadas as 301 ocorrências dos pronomes **NÓS e A GENTE**, na função de sujeito, o primeiro grupo de fatores terá a configuração de referências de pessoa do discurso conforme Silva (2004), com exceção do referencial opacidade, que naquele estudo tratava dos referentes ambíguos ou duvidosos. Em nossas amostras, não encontramos sequer um dado com referente duvidoso. A variável pessoa do discurso se apresenta, então, com os seguintes fatores.

Quadro 8 - Pessoa do discurso

Nós/A GENTE =	eu
Nós/A GENTE =	eu + tu
Nós/A GENTE =	eu+ ele(s)
Nós/A GENTE =	eu + tu + ele(s)
Nós/A GENTE =	indeterminado

5.2.2 Preenchimento do sujeito

O Português Brasileiro vem apontando uma tendência ao preenchimento do sujeito, conforme estudos realizados por Duarte (1993 e 1995), em dados e de língua escrita – peças teatrais escritas entre 1845 a 1992.

Especificamente sobre o uso do sujeito pronominal A GENTE, em dados de fala, Silva (2004) também confere que “**a gente** é um contexto favorável para o preenchimento do sujeito”.

A hipótese levantada para este grupo de fatores é a de que ocorre em maior escala o preenchimento do sujeito, nos textos escritos dos livros didáticos, e o

pronome sujeito A GENTE deve deter o maior percentual de preenchimento em relação a NÓS, pois a ausência de marca flexional do sujeito no verbo não serve para identificar a pessoa do discurso.

Quadro 9 - Preenchimento do sujeito

Sujeito preenchido	Nós/A GENTE
Sujeito não preenchido	Nós/A GENTE

5.2.3 Paralelismo formal

A variável paralelismo formal, neste estudo, foi levantada com o objetivo de verificar a hipótese de Scherre (1997), segundo a qual, marcas levam a marcas e zeros levam a zeros. A atuação dessa variável, segundo a autora, proporciona um discurso mais coeso, pois possibilita que as idéias sejam relacionadas com formas anteriormente citadas, acionando a memória imediata, possibilitando maior compreensão por produzir um discurso com menos densidade semântica. Nossa hipótese é de que a forma NÓS leva a outra forma NÓS e que a forma A GENTE leva a outra forma A GENTE.

Muitos dos estudos que analisaram o fator paralelismo formal ou referencialidade foram realizados com dados de fala, como o estudo de Tamanine (2002), cujo objetivo era o de analisar a alternância no uso dos pronomes NÓS e A GENTE, na fala de informantes do interior do estado de Santa Catarina. A pesquisa revelou que o primeiro pronome usado pelo falante se manteve durante um mesmo turno de fala. Também com relação ao uso dos pronomes NÓS e A GENTE, o paralelismo formal foi controlado, no estudo realizado por Monguilhott e Coelho (2002), para analisar a concordância verbal de terceira pessoa, na fala dos informantes que compõem o banco de dados do Projeto VARSUL, as autoras averiguaram que, quando o último ou único elemento do SN – Sintagma Nominal apresentava marca de plural, o verbo também apresentava mais tendência à pluralização.

Para o terceiro grupo de fatores controlados neste trabalho, foram selecionadas apenas 88 ocorrências, ou seja, o total de textos que compuseram o *corpus*, pois consideramos a segunda vez em que o pronome ocorreu no texto e controlamos o pronome antecedente para analisar se ocorreu a manutenção ou não da mesma forma pronominal, conforme segue o exemplo:

(4) __ Seu doutor, o senhor não acha bom se **a gente** mandasse aí uns perus pro seu juiz?

__ Não se preocupem, **nós** vamos ganhar.(...)

(Ruth Rocha amostra livro 5ª série)

No exemplo citado, o pronome antecedente não manteve como referente a mesma forma pronominal, mesmo percebendo-se a alternância de interlocutor. Foi controlada a ocorrência do pronome NÓS e constatado que seu antecedente foi o pronome A GENTE. Quando nos textos havia apenas uma única ocorrência dos pronomes NÓS/A GENTE, também a consideramos para esse grupo de fatores, denominando-a de 1ª entrada, conforme especifica o quadro abaixo:

Quadro 10 - Paralelismo formal

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> a) primeira entrada do pronome no texto b) antecedente a gente - com referência igual c) antecedente a gente - com referência diferente d) antecedente nós - com referência igual e) antecedente nós - com referência diferente |
|---|

5.2.4. Saliência fônica

Acredita-se que os fenômenos morfossintáticos e semânticos influenciam na

escolha das formas pronominais dos falantes da língua portuguesa. Omena (1998) comprovou essa escolha ao observar a saliência fônica em dados de fala das diferentes formas verbais que condicionaram a ocorrência (ou não) do pronome A GENTE, utilizando, para testar os dados em seu estudo, dois níveis de saliência: o 1º nível como o mais saliente e o 2º. nível, o menos saliente. Constituíram o nível mais saliente três situações de flexão verbal com o pronome A GENTE:

a) Redução dos ditongos finais + desinência (mos)

A gente cantou – Nós cantamos

b) Monossílabos que passam para paroxítonos

A gente faz – Nós fazemos

c) Diferenças morfológicas mais acentuadas

A gente veio – Nós viemos

A gente é – Nós somos

O nível menos saliente também contou com três situações de flexão verbal com o pronome A GENTE:

a) Acréscimo da desinência mos

A gente falava – Nós falávamos

b) Infinitivo com desinência mos

A gente foi cantar – Nós cantamos

c) Deslocamento do acento tônico e acréscimo da desinência mos

A gente fala – Nós falamos

Nossa hipótese para esse grupo de fatores é a de que o pronome A GENTE é encontrado mais em contextos de produção de menos saliência fônica na flexão verbal e NÓS em contextos de mais saliência.

5.2.5 Gênero textual

Pelo fato de esta pesquisa sociolingüística estar relacionada à área da educação, é importante lembrar que o ensino da língua deveria também estar condicionado aos gêneros textuais. De acordo com Marcuschi (2002), a maior parte do conhecimento que possuímos e nossas ações são determinadas pelos tipos de gêneros textuais com os quais convivemos. Os gêneros textuais expandem-se de acordo com a necessidade comunicativa imposta pela evolução econômico-social e cultural. Cada esfera social, com sua função sócio-ideológica particular (estética, educacional, jurídica, religiosa, entre outras) cria ou modifica gêneros textuais novos, que vêm ao encontro de suas necessidades.

Gênero textual é entendido na Lingüística Aplicada como aspectos discursivos e enunciativos que podem ser desde um telefonema, um sermão, notícia de jornal, romance, carta comercial, boletim de ocorrência policial, resenha, *outdoor*, bula de remédio, até uma piada, e assim por diante.

Atualmente, a cultura eletrônica, em especial a ligada à área da comunicação, contribui para o surgimento de novos gêneros textuais. Mas, como adverte Marchusci (2002, p.20), esses novos gêneros não são inovações absolutas (...) ‘estão ancorados’ em outros gêneros já existentes.” Como exemplo, podemos lembrar o *e-mail* (correio eletrônico), que é um gênero textual novo, com identidade própria, porém, ancorado no gênero epistolar (cartas), ainda bastante presente na língua escrita.

De acordo com Marchusci (2002, p.29) “ (...) a expressão “tipo de texto”, muito utilizada nos livros didáticos e no nosso dia a dia, é equivocadamente empregada e não designa um tipo, mas sim um gênero.”

Para situarmos o grupo de fatores gênero textual nesse estudo, vamos classificar os 247 textos presentes nos livros didáticos analisados, como: conto e, junto ao conto estaremos contabilizando também as crônicas; teatro; poesia; fábula e notícia ou reportagem de jornal e, nesse último, também farão parte as tiras e entrevistas; que compõem um macro gênero textual que é o educacional.

A hipótese levantada para esse grupo de fatores é a de que os gêneros discursivos, presentes nos livros didáticos, por força natural de adequação às atuais variações lingüísticas na língua oral, e, em função das mudanças socioeconômicas e culturais dos estudantes das escolas públicas, apresentam, preferencialmente, o

pronome A GENTE, na modalidade escrita, tida como “cultura”, nos textos narrativos como conto e crônica e o pronome NÓS nos textos argumentativos como notícia de jornal e revista, conforme os exemplos que seguem respectivamente.

(5) “... Há um mês ele disse que tinha parado de fumar. A gente não acreditou, porque a garagem ainda fede a cigarro de vez em quando. Agora a gente chegou à conclusão de que o único jeito é a guerra. Fui até a loja de brinquedos mais próxima e comprei um pacote de estalinhos. Peguei os três cigarros do papai que tinham sobrado e enfiei dois estalinhos em cada um...” (CORREA e LUFT, 2000 p.159)

(6) “... A Fundação Abrinq sabe que nem todo mundo é assim. Por isso, está pedindo a sua ajuda para continuar fazendo um trabalho muito sério: o Projeto Nossas Crianças. Que garante alimentação digna, a compra de material escolar, assistência médica e odontológica, atividades recreativas, culturais e profissionalizantes para milhares de crianças que não querem ter um futuro de graça.

Claro que a ajuda que estamos pedindo é dinheiro. Mas não é muito...” (CORREA e LUFT, 2000 p.105)

Para analisar essa variável, vamos controlar os seguintes gêneros:

Quadro 11 - Distribuição dos pronomes por gênero textual

Conto/crônica	NÓS/A GENTE
Teatro	NÓS/A GENTE
Fábula	NÓS/A GENTE
Poesia	NÓS/A GENTE
Notícia de jornal e Revista	NÓS/A GENTE

5.2.6 Finalidade do Texto

Os textos analisados nos 8 livros didáticos se organizam por unidade de ensino ou capítulos, servindo de subsídio, ou entrada, para o desenvolvimento dos conteúdos programáticos dirigidos a cada série. As duas coleções apresentam a cada unidade ou capítulo, através dos mais variados gêneros textuais, abordagem às diversas temáticas, como namoro, racismo, cultura, relacionamento familiar, guerra, fome, meio ambiente, entre outros.

Comparando as duas coleções, observamos que predomina uma seqüência de atividades muito parecidas com relação aos textos apresentados. Inicialmente um texto sobre determinado tema abre o capítulo, esse texto vem com uma orientação ao professor para que seja desenvolvida a leitura em voz alta e seja provocado um diálogo sobre a temática, levando à participação do aluno oralmente; seguindo, um outro texto sobre o tema, explora a interpretação e compreensão por meio de perguntas e respostas que são registradas no caderno. Ainda com o mesmo tema, outro texto, porém, nem em todos os capítulos, explora o vocabulário, linguagem figurada e a análise de verbetes de dicionário. Num próximo passo, um novo texto propõe a produção individual ou coletiva do aluno sobre a temática que está sendo estudada. E finaliza, quase sempre, sem texto, com a introdução de conteúdos específicos de norma padrão da língua, ou seja, tópicos da gramática normativa, seguidos de exercícios de fixação. Às vezes, é indicada uma referência bibliográfica para leitura complementar.

No grupo de fatores *Finalidade do texto* a hipótese levantada é a de que alguns textos tenham como propósito desenvolver, mesmo que implicitamente, atividades sobre a variação lingüística e o uso do pronome A GENTE, principalmente, os textos constantes nos livros de 5ª e 6 séries. As variantes selecionadas para estudo estão expostas no quadro 12.

Quadro 12 - Finalidade do texto

Leitura/Interpretação/Compreensão	NÓS/A GENTE
Produção textual	NÓS/A GENTE
Atividades orais/Debates	NÓS/A GENTE
Exercícios de gramática	NÓS/A GENTE

5.2.7- Série de estudo do Ensino Fundamental

De acordo com as diretrizes nacionais da educação básica, o ensino fundamental, nas escolas públicas, é obrigatório e deve compreender 8 anos de estudo. Os quatro primeiros anos são denominados de séries iniciais do Ensino Fundamental e, os quatro últimos, de séries finais do Ensino Fundamental.

Segundo o que apontam os PCNs, no que diz respeito ao ensino de língua materna, nos primeiros quatro anos de estudo o aluno passa por dois níveis de aprendizagem, o primeiro ciclo ou 1ª e 2ª séries, que compreende o período de alfabetização e o segundo ciclo ou 3ª e 4ª séries, quando o aluno desenvolve o domínio da língua oral e escrita, realizando as atividades com maior independência.

Os últimos quatro anos do Ensino Fundamental, período de estudo do qual extraímos os textos para esta pesquisa, também estão distribuídos em dois ciclos, o terceiro ciclo ou 5ª e 6ª séries e o quarto ciclo ou 7ª e 8ª séries. Nessas quatro últimas séries do Ensino Fundamental, os parâmetros curriculares apontam que o aluno deverá desenvolver habilidades de domínio da língua oral e escrita em situações de uso público da linguagem. Isso significa que, no processo de produção de textos orais, o aluno seja capaz de planejar sua fala pública usando a linguagem escrita e ajustando-a à variedade lingüística adequada; no processo de produção de textos escritos, tenha capacidade de redigir diferentes tipos textuais e utilize com desenvoltura os padrões da língua escrita. No processo de análise lingüística, que ele seja capaz de verificar as “regularidades das diferentes variedades do Português, reconhecendo os valores sociais nela implicados.” (cf. PCNs 1998, p.52)

Para esse grupo de fatores observaremos a distribuição de ocorrências dos pronomes NÓS/A GENTE, sob a hipótese de que com o incentivo nos documentos oficiais que norteiam as diretrizes para o ensino de língua materna, de que o aluno deve conhecer e usar as variedades lingüísticas, o pronome A GENTE deve concorrer com o pronome Nós, nos textos dos livros didáticos de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental, principalmente nas séries iniciais, ou seja, 5ª e 6ª séries.

Quadro 13 - Distribuição de ocorrência por série de estudo.

5ª série	NÓS/A GENTE
6ª série	NÓS/A GENTE
7ª série	NÓS/A GENTE
8ª série	NÓS/A GENTE

5.2.8 Coleções dos livros analisados

O Ministério da Educação e Cultura, desde o final da década de 1980, distribuiu, gradativamente, para as escolas de Ensino Fundamental, da rede pública do país, livros didáticos para o ensino das principais disciplinas, como a Língua Portuguesa. Com esse material à disposição, achamos conveniente selecionar duas coleções de livros que foram publicados nas décadas de 1990 e 2000.

Conforme já mencionado na introdução, este estudo pretende averiguar com que intensidade o pronome A GENTE concorre com o NÓS como pronome sujeito de primeira pessoa no paradigma pronominal, na língua escrita e, principalmente, na esfera escolar. Para isso, os textos dos livros didáticos de língua portuguesa, do Ensino Fundamental, são um termômetro bastante adequado, uma vez que é no Ensino Fundamental que os alunos começam o domínio da variedade padrão da língua.

As duas coleções, uma da editora Scipione e a outra da editora Moderna que já editaram um número bastante expressivo de livros didáticos, foram publicadas, poucos anos antes e depois dos PCNs:

Douglas Tufano (Curso Moderno de Língua Portuguesa -1996) e Maria Helena Correa e Pedro Celso Luft (A Palavra é sua -2000).

A hipótese para este grupo de fatores é a de que a coleção publicada após os PCNs apresente mais ocorrências do pronome A GENTE, pois os PCNs, como vimos anteriormente, já prevê um ensino da Língua Portuguesa adequada ao contexto de uso.

Quadro 14 - Distribuição de ocorrência por autor

Tufano	NÓS/A GENTE
Correa e Luft	NÓS/A GENTE

CAPÍTULO VI

6 O TRATAMENTO DO PRONOME A GENTE NOS LIVROS DIDÁTICOS

6.1 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A organização final e o tratamento dos dados de acordo com o programa estatístico VARBRUL desenvolvido para pesquisas de variação lingüística, bem como a análise de cada uma das variáveis selecionadas, farão parte desse capítulo que tratará da discussão dos resultados obtidos e dos condicionadores do uso da forma A GENTE nos livros didáticos

6.1.1 As variáveis lingüísticas e o VARBRUL

Uma vez observados atentamente todos os textos que compuseram as duas coleções de livros didáticos escolhidos para essa pesquisa, foram extraídos 318 fragmentos de sentenças daqueles textos com ocorrências dos pronomes NÓS, A GENTE¹⁴. Em seguida, todas as sentenças foram codificadas¹⁵, segundo as variáveis independentes estabelecidas para investigação, na seguinte ordem: pessoa do discurso, paralelismo formal, preenchimento do sujeito, saliência fônica, gênero textual, finalidade do texto, série de estudo e autor/coleção; assim como também foi codificada a variável dependente NÓS e A GENTE, conforme descrevemos a seguir:

a) Variável dependente: NÓS e A GENTE

b) Variáveis independentes

Pessoa do Discurso

- 4 nós ou a gente: eu
- 5 nós ou a gente: eu + tu
- 6 nós ou a gente: eu + tu + ele(s)
- 7 nós ou a gente: eu + ele(s)

¹⁴ Ao considerarmos as formas NÓS e A GENTE vamos levar em conta tanto os pronomes preenchidos quanto os pronomes nulos, que vão ser identificados pelas formas dos morfemas ZERO e –MOS.

¹⁵ A codificação das variáveis está anexa.

8 nós ou a gente: genérico (todos)

Paralelismo Formal

- primeira entrada
- antecedente nós ou a gente igual
- antecedente nós ou a gente diferente
- antecedente zero/mos igual
- antecedente zero/mos diferente

Preenchimento do Sujeito

- SIM sujeito preenchido
- NÃO sujeito não preenchido

Saliência fônica

Menos saliente – nível 1

Mais saliente – nível 2

Gênero Textual

- Conto
- Jornal
- Poesia
- Fábulas
- Teatro

Finalidade do Texto

Interpretação

Produção textual

Ensino de gramática

Oralidade

Série de estudos

- 5ª série
- 6ª série
- 7ª série
- 8ª série

Autor do livro/coleção

- livro de Maria Helena Correa e Celso Pedro Luft
- livro de Douglas Tufano.

Como podemos observar, a variável dependente é binária, isto é, apresenta dois fatores, no caso dessa pesquisa, os pronomes pessoais NÓS e A GENTE, que se referem ao fenômeno em variação nos textos dos livros didáticos. As variáveis independentes referem-se aos grupos de fatores que mencionamos como possíveis

condicionadores da escolha de um ou de outro pronome pessoal e, ao final da análise, indicarão qual ou quais grupos, realmente, têm influência na variação.

Essa distribuição se faz necessária em função de que os dados coletados foram submetidos a rodadas estatísticas por um programa, especialmente desenvolvido para os estudos sociolingüísticos por David Sankoff, denominado primeiramente *Variable Rule Analysis* e posteriormente conhecido como VARBRUL. Atualmente existe uma versão mais inovadora do software, que é conhecida pela maioria dos sociolingüistas pelo nome Goldvarb 2001.

O primeiro software foi desenvolvido em 1988 e conta com a apreciação positiva dos pesquisadores sobre seu desempenho há duas décadas. Quando as informações, ou seja, os dados de uma pesquisa sociolingüística são codificados e lançados na base de dados do programa, ele realiza cálculos que identificam percentuais e pesos relativos de ocorrências; seleciona, através de sistema logístico, os grupos de fatores relevantes e descarta aqueles que não apresentam percentuais satisfatórios, assim como também é possível o cruzamento de dados.

O fluxograma básico do VARBRUL, para o sucesso de uma rodada de dados de pesquisa de variação linguística, necessita do uso de pelo menos 05 de seus programas: checktok, readtok, makecell, varb e crosstab¹⁶; que respectivamente são arquivos de especificações, correções das especificações, freqüência das ocorrências, probabilidades, e cruzamentos.

Para chegarmos aos resultados apresentados nesta pesquisa, selecionamos na variável dependente, o pronome A GENTE para contrapor-se ao pronome NÓS, e verificamos a força dos demais fatores sobre a variante A GENTE, visto que o objetivo dessa pesquisa é averiguar o uso do pronome A GENTE nos textos dos livros didáticos. Após todos os procedimentos técnicos necessários para as rodadas, o programa selecionou 05 grupos de fatores como sendo os mais significativos: preenchimento do sujeito, saliência fônica, gênero textual, pessoa do discurso e série de estudo; e excluiu os outros 03 grupos (paralelismo formal, finalidade do texto, autor/coleção). A seguir vamos discutir cada um dos grupos de fatores selecionados.

¹⁶ Para compreender o funcionamento do software consultar Pintzuk (1988) ou Pinto & Fiorett (1992).

6.1.2 Análise dos grupos de fatores considerados relevantes

Na distribuição geral da variação entre NÓS e A GENTE, na escrita dos textos em livros didáticos, prevaleceu o uso de NÓS, com 225 ocorrências, contra 93 ocorrências do pronome A GENTE, ou seja, 29% das ocorrências apresentaram o pronome A GENTE e 71% o pronome NÓS.

Considerando que a maioria das pesquisas existentes sobre esse tema investiga a variação do pronome A GENTE em contextos de língua falada, e que a língua escrita padrão, em geral, segue os preceitos da GT, esses indicadores já podem ser considerados bastante altos.

Nossa intenção é averiguar a freqüência de uso de A GENTE no lugar de NÓS. Podemos lembrar aqui os resultados da pesquisa realizada por Menon (1996), que também investigou essa variação em língua escrita das revistas em quadrinhos, publicadas no Brasil desde 1950, e a ocorrência do pronome A GENTE, há praticamente uma década, foi de 10.63% contra 89,37% de NÓS. Embora os contextos de escrita e circulação do material sejam bem diferentes, chama a atenção o aumento do pronome A GENTE na língua padrão, escrita, de 10.63% para 29%.

Como apontamos acima, o primeiro grupo de fatores selecionado como o mais favorável à ocorrência do pronome A GENTE foi o preenchimento do sujeito. Vejamos, então, os resultados desse forte condicionador e, em seguida, dos outros quatro grupos de fatores significativos.

6.1.2.1 Preenchimento do sujeito

É importante destacar que na análise do pacote estatístico VARBRUL os indicadores de Peso Relativo, doravante PR, conforme descrito na tabela abaixo, são muito importantes para a seleção de um ou outro grupo de fatores. A leitura dos PR em análise binária revela um contexto favorável à aplicação da regra do fenômeno em estudo quando o PR fica próximo a 100; quando fica em torno de .50 são considerados neutros; e muito próximos a zero são considerados significativos, por revelarem um contexto inibidor ao fenômeno investigado. No entanto, vale lembrar que os números

apontam um caminho, mas cabe ao lingüista a essencial tarefa de interpretá-los. Observemos, então, os primeiros resultados estatísticos.

Tabela 02 - Freqüência e probabilidade de A GENTE, segundo o grupo de fatores Preenchimento do sujeito

Fatores	Freqüência Aplicação/total	%	Peso Relativo
Preenchido	89/124	72	.97
Não preenchido	04/194	02	.10
TOTAL	93/318	29	

A hipótese apresentada, no capítulo anterior, para esse grupo de fatores veio a se confirmar, com essa rodada estatística, de maneira muito positiva. Muitos estudos, conforme já mencionados, indicam que há uma tendência ao preenchimento do sujeito, o que se apresentou favorável ao uso do pronome A GENTE. Em todos os casos em que ocorreu a escolha pelo referido pronome, 72% apresentaram-se como sujeito preenchido, o que fez o programa apontar .97 de PR para esse fator, tornado-o o mais importante de todo o pacote de variação lingüística.

Esse indicador, principalmente por ser de língua padrão escrita, aponta para algumas interpretações que valem ser observadas com mais atenção: o PB está realmente tornando-se uma língua de sujeito preenchido, o A GENTE assumiu a definição de pronome pessoal sujeito e o A GENTE traz o verbo na forma de 3ª pessoa, o que, normalmente, vai levar ao preenchimento do sujeito para que o significado de 1ª pessoa não se perca.

Exemplos de dados dos textos dos livros didáticos podem ser observados a seguir:

(1) “Mendigo 1:

_ Eu tive dor de estômago a noite toda.

Mendigo 2:

_ Eu também. Será que foi alguma coisa que a gente não **comeu**?”
(CORREA e LUFT, 2000 p.98)

(2) “...Você lembra quando a gente **conversava** do que ia ser quando crescer?
(...) Eu nunca sentia muita vontade de ser nada. E daquela última vez que a gente **conversou** eu até te disse: acho que eu não vou ser nada de tanto que eu não sei o que que eu quero ser.” (TUFANO, 1996 p.217)

6.1.2.2. Saliência fônica

Após as rodadas estatísticas o programa indicou a saliência fônica como o segundo grupo de fatores lingüísticos mais significativos por conta do nível menos saliente. Entre as 192 ocorrências do pronome A GENTE, 75 foram encontradas em uma das três situações do nível de menos saliência. Apresentando uma probabilidade de PR .59, isso se traduz viabilizando uma tendência a escolher o pronome A GENTE em contextos em que os verbos não tendem a apresentar mudanças fônicas muito distintas das que se utilizariam com o pronome NÓS, como ilustram os exemplos abaixo:

(1) “ A gente não **tava** com drogas” (TUFANO, 1996 p.167)

(2) “E mesmo se a gente **tivesse** com alguma coisa – ele falou, entre soluços....” (TUFANO, 1996 p.167)

Tabela 03 - Frequência e probabilidade de A GENTE, segundo o grupo de fatores saliência fônica

Fator	Frequência Aplicação/total	%	Peso Relativo
Menos saliente	75/192	39	.59
Mais saliente	18/126	14	.37
Total	93/318	29	

O grupo de fatores saliência fônica tem sido testado em pesquisas, no Brasil, em estudos realizados por Lemle e Naro (1976). Acredita-se que os fenômenos morfossintáticos e semânticos influenciam na escolha das formas. Os dois primeiros exemplos abaixo apresentam um contexto de menos saliência fônica, enquanto os dois últimos, um contexto mais saliente foneticamente.

- (3) “ Isso me torna muito alegre, pois é muito bom a gente **pensar** nas pessoas...” (CORREA e LUFT, 2000 p.138)
- (4) “... Às vezes, é um jardim; outras um castelo; outras ainda, uma cidade _ como São Paulo, que é tão imensa e complicada que a gente **pode** chamar de labirinto...” (CORREA e LUFT, 2000 p.204)
- (5) “Não deu completamente certo, porque nada do que a gente **faz** dá completamente certo...” (CORREA e LUFT, 2000 p.87)
- (6) “Por que vocês não foram diretamente a um hospital? __gritou Carolina __ Por que vocês foram até em casa, com o Paulo perdendo sangue? Vocês não tiveram cabeça para (...)
__ Na hora a gente não **lembrou** __ gritou Otávio, nervosíssimo....”
(TUFANO, 1996 p.167)

6.1.2.3 Gênero textual

Em uma primeira rodada estatística, o grupo de fatores gênero textual não se mostrou significativo, mas já apontou para alguns resultados que poderiam ser amalgamados. Optou-se, então, por amalgamar os gêneros entrevista e tiras com o gênero jornal, e junto com o gênero conto foram amalgamados os gêneros crônica e fábula. Os resultados podem ser vistos na tabela 04, abaixo.

Tabela 04 - Frequência e probabilidade de A GENTE, segundo o grupo de fatores Gênero textual

Fator	Frequência Aplicação/total	%	Peso Relativo
Teatro	02/04	50	.90
Conto	75/237	32	.64
Jornal	06/39	28	.15
Poesia	10/38	26	.08
Total	93/318	29	

Pode-se observar que a comunicação escrita no gênero teatro normalmente reflete a comunicação oral, fator que contribuiu para a ocorrência de .90 PR para esse gênero textual. O conto, que nesse caso também aparece junto com crônicas e fábulas, foi o segundo gênero mais propenso à ocorrência do pronome A GENTE, .64 PR. São contextos favoráveis a esse fenômeno pois trata-se, na maioria de textos, de narrativas, próximas da oralidade. Por outro lado, em jornais e poesias o pronome NÓS foi o escolhido.

6.1.2.4 Pessoa do discurso

Neste grupo de fatores lingüísticos observou-se que ocorrências do pronome A GENTE indicando EU + TU não apareceram no levantamento de dados. Nesse caso, amalgamamos eu+tu com eu+tu+ele(es), que também revelou um número baixo de ocorrências com o A GENTE, como podemos observar nos resultados da tabela 05, abaixo.

Tabela 05 - Frequência e probabilidade de A GENTE, segundo o grupo de fatores Pessoa do discurso

	Frequência Aplicação total	%	Peso Relativo
Eu	24/42	57	.77
Indeterminado	38/113	34	.68
EU + ELE(S)	26/149	17	.31

Nossa hipótese era a de que o pronome **A Gente** ocorresse com maior frequência quando o sujeito fosse indeterminado, pois os estudos realizados, embora de língua falada, mostravam essa tendência. Essa hipótese só se confirmou parcialmente. O pronome **A GENTE** na posição de sujeito com referência à 1ª pessoa do singular EU ocorreu em 57% dos casos; apresentando o maior percentual de ocorrências e .77 de PR. Em seguida, apareceu o A GENTE como indeterminado, com .68 de probabilidade. Os exemplos a seguir, nessa mesma seqüência, ilustram essa tendência.

(9) “Estou certo, hoje, de que a professora desejava-me um futuro feliz e risonho, mas naquele momento eu preferia que houvesse um grande buraco na sala por onde a gente pudesse escapar...”. (CORREA e LUFT, 2000 p.193)

(10) “ Há 2 500 anos, viveu na Grécia um grande inventor de histórias absurdas. (...) histórias de coisas que são ao mesmo tempo, possíveis e impossíveis. São verdades que não podem ser verdade; mas a gente não consegue dizer por que não...” (CORREA e LUFT, 2000 p.204)

6.1.2.5 Série de estudo

A 5ª série apresentou-se como o período do Ensino Fundamental em que os textos utilizariam o pronome A GENTE, confirmando em parte a nossa hipótese inicial. Acreditava-se, também, que nos textos de 6ª série seriam usados em larga escala o pronome a gente, mas essa expectativa não se confirmou, como os resultados da tabela 06 ilustram.

Tabela 06 - Frequência e probabilidade de A GENTE, segundo o grupo de fatores Série de Estudo

Fator	Frequência	%	Peso
	Aplicação/total		Relativo

5a.	21/52	40	.86
8a.	15/89	17	.48
7a.	22/71	33	.39
6a.	35/106	31	.33
Total	93/318	29	

Após esses indicadores, fizemos uma análise qualitativa das coleções, correlacionando os usos de A GENTE encontrados dentro dos textos com o material didático utilizado pelos autores das obras analisadas. Observou-se que, na 5ª série, além de os textos apresentarem mais o pronome A GENTE, é também a série em que se estudam os pronomes pessoais da língua portuguesa e se promove um breve espaço para a discussão da variação lingüística. Nas outras séries, no entanto, a variação lingüística não é sequer comentada, além disso, os pronomes não fazem parte do conteúdo ensinado. Detalhes dessa análise são apresentados na seção 5.2.

6.2 ANÁLISE DA VARIANTE A GENTE NOS LIVROS DIDÁTICOS

As duas coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental, que foram utilizadas para essa pesquisa, foram publicadas em 4 volumes, sendo um para cada série de estudo.

A Coleção *Curso Moderno de Língua Portuguesa* é do autor Douglas Tufano e a coleção *A Palavra é sua* tem como autores Maria Helena Correa e Celso Pedro Luft¹⁷. As coleções foram publicadas pelas editoras Scipione e Moderna, respectivamente. Os autores foram selecionados pelo fato de terem outras publicações de materiais didáticos para o ensino de Língua Portuguesa, bem como manuais de LP. Além do que, um dos critérios para a escolha dessas coleções foi o fato de elas terem sido aprovadas pelo MEC¹⁸ para o programa do PNLD¹⁹. A primeira coleção foi utilizada por várias escolas em todo o país entre os anos de 1996 a 1999 e a segunda coleção foi utilizada entre os anos 2000 e 2004.

¹⁷ No anexo são exemplificados 8 textos, sendo um de cada série por coleção, com o uso do pronome A Gente..

¹⁸ Ministério de Educação e Cultura

¹⁹ Plano nacional do Livro Didático

Cada coleção apresenta uma estrutura de organização didática igualmente em seus 4 volumes: texto tema de abertura, interpretação do texto, atividades de oralidade, leituras complementares ao tema, produção de texto, ensino de gramática normativa e exercícios de fixação.

Na coleção *Curso Moderno de Língua Portuguesa*, os volumes são divididos em unidades, sendo que para 5ª e 6ª séries são 12 unidades e 7ª e 8ª séries são 15 unidades, enquanto que na coleção *A palavra é sua* a divisão é realizada por capítulos, sendo que em todos os volumes apresentam-se 12 capítulos. Ao final de cada volume, nas duas coleções, no exemplar destinado ao professor apresentam-se algumas idéias de como foi pensada a estrutura dos capítulos e unidades. Na seção de gramática, apresenta-se um texto abordando a visão dos autores sobre o ensino da mesma, conforme figuras 01 e 02, a seguir.

Gramática

A gramática é vista como forma de conduzir o aluno a uma reflexão sobre o funcionamento da língua portuguesa. O conteúdo foi desenvolvido de maneira gradual, e cada conceito introduzido é acompanhado de exemplos e exercícios de fixação.

Evitamos sobrecarregar o aluno com uma nomenclatura difícil e procuramos nos ater aos aspectos mais gerais da gramática normativa (exceções de uso esporádico foram deixadas de lado), sem contudo desconsiderar os outros níveis de linguagem, presentes nos exercícios de estudo do texto.

Apresentamos todo o programa de morfologia e sintaxe. Quando o tópico gramatical constituía principalmente um recurso de expressão para o aluno, preferimos colocá-lo na parte *Exercícios de linguagem*, sendo a ênfase dada ao uso da língua e não ao aspecto teórico.

Figura 1 – O ensino de gramática segundo o autor Douglas Tufano

● Gramática

A gramática abrange todo o conteúdo que se costuma ministrar nas respectivas séries, mas procuramos enfatizar os tópicos mais ligados à expressão escrita, como a ortografia, a concordância nominal e a regência verbal.

O estudo gramatical é desenvolvido no final de cada capítulo, para facilitar o trabalho dos professores que preferirem omitir ou deslocar certos assuntos.

Na introdução deste manual, já nos referimos à função da gramática no ensino/aprendizagem do ensino fundamental. É paradoxal: quanto mais a escola investe no estudo da gramática, menos gramática os alunos aprendem.

Em nossas aulas, os alunos aceitam os exercícios gramaticais sem rejeição e, no fim do ensino fundamental, saem com um bom cabedal de conhecimentos lingüísticos.

Perguntamos a um francês, radicado no Brasil, como conseguira falar tão bem o português em apenas sete meses aqui. A resposta veio pronta: porque amo o Brasil.

Ora, quando os alunos sentem prazer no manejo da língua materna, acabam gostando também da gramática.

Sugerimos ao professor a leitura do livro *Língua e liberdade*: por uma nova concepção da língua materna (ver bibliografia a seguir).

Figura 02 – O ensino de gramática segundo os autores Maria Helena Correa e Celso Pedro Luft

Comparando o que as duas obras apresentam para o ensino de gramática observamos que Tufano tem por objetivo fazer uma “reflexão sobre o funcionamento da língua portuguesa”. Reforça ao final de sua apresentação que dará ênfase ao uso da língua e não ao aspecto teórico. Por outro lado, Correa e Luft fazem alusão à função da gramática no ensino/aprendizagem (uma função paradoxal) e enfatizam alguns tópicos como mais significativos, remetendo o professor à leitura do livro *Língua e Liberdade*. O que podemos observar nessas duas apresentações é que os autores apresentam uma postura crítica com relação ao ensino de língua e de gramática. Enquanto Tufano se propõe a fazer uma reflexão sobre como a língua funciona, por achar que o mais importante não é o aspecto teórico, mas sim o ensino de língua, Correa e Luft, além de apresentarem quais são os tópicos que vão enfatizar no decorrer da obra, mostram que o ensino de gramática pode ser paradoxal, pois “quanto mais a escola investe no estudo de gramática, menos gramática os alunos aprendem”.

A seguir, vamos fazer algumas reflexões a respeito do conteúdo gramatical que

se apresenta em cada uma das coleções, focalizando em especial os pronomes, com o intuito de observar, entre outras coisas, se de fato os autores cumprem o que se propõem a fazer.

6.2.1 A coleção *Curso Moderno de Língua Portuguesa*, de Douglas Tufano

Todas as unidades dessa coleção apresentam uma seqüência igual, ou seja, inicia-se a unidade com um texto tema, como as tecnologias de comunicação, problemas sociais, a condição humana, amor, preconceito, proteção à natureza, guerra, economia, entre outros; na seqüência, uma atividade de interpretação desse texto, intitulada de: *releitura e reflexão*. Após essa etapa, o livro apresenta atividades para trabalhar o vocabulário e exercícios de linguagem, quando então é sugerida uma produção textual. A próxima etapa constitui-se da leitura de outros pequenos textos apresentados em outros gêneros, porém com o mesmo tema do texto de abertura; e, fecha-se a unidade com os estudos e exercícios de gramática.

Ao final de cada livro do professor, nas 4 últimas páginas, o autor explica ao professor o objetivo da coleção, conforme figura 03.

Professor

*"As crianças têm necessidade de pão, do pão do corpo e do pão do espírito,
mas necessitam ainda mais do seu olhar, da sua voz,
do seu pensamento e da sua promessa.
Precisam sentir que encontraram, em você e na sua escola,
a ressonância de falar com alguém que as escute, de escrever a alguém
que as leia e as compreenda."*

Célestin Freinet (1896-1966), educador francês

Ampliar a capacidade do aluno de compreender e enviar mensagens por meio da língua portuguesa — esse é o objetivo principal do **Curso moderno de língua portuguesa**.
Para atingir esse objetivo, a coleção oferece material de apoio para desenvolver habilidades de leitura de diversos tipos de textos e atividades que melhorem e ampliem a capacidade de expressão oral e escrita do aluno.

Figura 03 – Abertura do encarte de orientações ao professor da coleção *Curso Moderno de Língua Portuguesa*.

Como podemos observar na figura 03, um dos objetivos principais do livro é o de “ampliar a capacidade do aluno de compreender e enviar mensagens por meio da língua portuguesa”. Foram, então, analisados os conteúdos e atividades de cada volume para observar como o autor tratou do conteúdo sobre o ensino dos pronomes e da apresentação do pronome A GENTE. Nos textos que compreendem os 4 volumes dessa coleção, 47 vezes ocorreu o uso do pronome A GENTE na função de sujeito, no entanto, em nenhum momento o autor mencionou a possibilidade da variação lingüística entre os pronomes NÓS e A GENTE. Pergunta-se, como o aluno ampliaria sua capacidade de compreender e enviar mensagens se o livro didático (que vai ser o apoio principal das aulas de língua portuguesa) nem sequer trabalha com os pronomes que estão disponíveis na língua?

No volume para 5ª série, os pronomes pessoais foram abordados na unidade 4. Inicialmente a unidade apresentou, na página 82, um texto do gênero crônica, sem a ocorrência do pronome A GENTE, conforme figura 04.

82

No dia-a-dia, quase não prestamos atenção ao que falamos ou à maneira como falamos. Mas cada um de nós tem um jeito diferente de falar. E você já imaginou como seria difícil nos comunicarmos sem as palavras?

VOCABULÁRIO
adquirir: obter, comprar.
denso: grosso, espesso, compacto.
obsequio: favor, benefício.
preluzir: anunciar antecipadamente.
sanar: curar.
cirros: nuvens que ficam em grandes alturas, formadas por folhas compridas e brancas.
cúmulos: nuvens grandes, brancas e parecidas com flocos de algodão.
nimbos: nuvens de chuva baixas e cinzentas.

JEITOS DE FALAR

Adoro passar o dia com meu avô e minha avó. De vez em quando faço isso, e sempre me divirto de montão.

Vovô é alto, magro, tá sempre olhando pra cima. Gosta de olhar as nuvens. Já me explicou vinte vezes a diferença entre cirros, cúmulos e nimbos. Outro dia me disse:

— A presença no firmamento de densos nimbos em baixa altitude prenuncia precipitações pluviométricas iminentes.

Fiquei na mesma. Só entendi quando Vovô explicou:

— Vai chover.

Vovô é muito ativa: anda pra lá e pra cá o tempo todo. É ela quem sabe onde estão guardadas todas as coisas na casa, desde os alfinetes até os enormes baús da bisavó. É gorducha e, perto de Vovô, parece baixinha.

Vovô sabe tudo. Conhece todas as palavras do dicionário, todos os países do mundo — com nome científico e tudo. Adoro conversar com ele, mas não pesco nem metade; só dá pra entender o que ele diz se Vovô estiver junto.

— Vovô não fala muito; em compensação, faz cada doce de dar água na boca. É tricota os agasalhos mais quentinhos do mundo.

— Ontem passei o dia na casa deles, e saímos os três pra fazer compras. Entramos na farmácia e Vovô disse pro balconista:

— Por obséquio, necessitamos adquirir cápsulas de ácido acetilsalicílico para sanar cefalalgias.

O garoto atrás do balcão ficou olhando pro Vovô como se ele tivesse falado grego. Ai Vovô traduziu:

— Precisamos de aspirina para dor de cabeça.

É por essas e outras que eu adoro Vovô e Vovó.

Rosana Rios




Figura 04- Texto de abertura da unidade 4 da coleção *Curso Moderno de Língua Portuguesa* para 5ª série.

Ao ler o texto identificou-se a ocorrência do não preenchimento do sujeito em algumas sentenças em que poderiam ter ocorrido NÓS ou (**A GENTE**), mas o autor não fez nenhuma alusão a essa situação. Na página 89, o autor apresentou a letra de um samba nacional, em que ocorreu a presença do pronome “nós” escrito com marca de oralidade para a sugestão da atividade de produção textual, conforme segue fragmento da letra da música:

“Samba do Arnesto – Adoniram Barbosa e Alocin. 1978 3ª capa

O Arnesto nos convidou prum samba

Ele mora no Brás

Nóis fumus, num encontremos ninguém

Nóis vortemo cuma baita duma réiva

Da outra vez nóis num vai mais

O que foi que nóis feiz?...” (CORREA e LUFT, 2000 p.89)

Nesse momento, o autor comentou que há a linguagem “coloquial e a linguagem culta de falar” e logo apresentou na seção de gramática os pronomes pessoais (cf. figura 05), na versão tradicional, sem mencionar a possibilidade do A GENTE se inserir nesse paradigma; nem mesmo percebeu a presença de outro pronome que acabou aparecendo na ilustração da página 91, como “você”.

91

Tipos de pronomes (I)

Pronomes pessoais

Os **pronomes pessoais** substituem as pessoas:

O balconista não entendeu Vovô.
Ele não o entendeu.

Numa situação de comunicação temos sempre três pessoas:

1ª → quem fala: eu ou nós
2ª → com quem se fala: tu ou vós
3ª → de quem se fala: ele ou eles

Os pronomes pessoais que substituem o sujeito são chamados **retos**; os que substituem o complemento são chamados **obliquos**:

Ele já **me** explicou isso vinte vezes.
Nós **te** vimos na farmácia.
Tu **lhe** entregaste a aspirina.

Pronomes indefinidos

Os **pronomes indefinidos** referem-se à terceira pessoa de um modo vago e indeterminado:

O garoto não entendeu **nada**.
Ninguém viu os alienígenas saírem da nave.
Vovó faz **cada** doce!
Ele conhece **todos** os animais do mundo!




Figura 05 - Texto para o ensino dos pronomes pessoais na unidade 4 da coleção *Curso Moderno de Língua Portuguesa* para 5ª série.

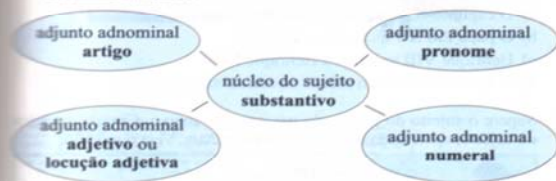
Infelizmente, percebe-se que o autor deixou passar o conteúdo sem explorar as possibilidades de variação nos exercícios. Apresentou o conteúdo gramatical referente aos pronomes sem fazer uma reflexão sobre o funcionamento das diferentes formas pronominais na língua portuguesa em uso, de acordo com sua proposta inicial.

Observando o volume destinado à 6ª série, pôde-se constatar que igualmente ocorreu o pronome A GENTE nos textos, mas nesse volume não houve enfoque ao ensino de nenhum pronome em especial, nem tampouco qualquer referência à variação lingüística. Na unidade 5 houve de maneira bastante superficial um enfoque ao conteúdo de análise sintática, em que se fez menção ao fato de o pronome assumir a

função de adjunto adnominal (cf. retrata a figura 06), abaixo, mas não houve exercícios que apresentassem o pronome A GENTE com essa classificação sintática.

95

Resumindo, temos:



Agora é sua vez

1. Acrescente adjuntos aos núcleos dos sujeitos.
 - a) cavalo parecia veloz.
 - b) animal sucumbiu de tanto correr.
 - c) dor era constante e insuportável.
 - d) trânsito atrapalha vida dos paulistanos.
 - e) floresta foi destruída pelas queimadas.
 - f) aluno não queria estudar na recuperação.
 - g) mapa não foi encontrado até hoje.
 - h) amigo virá à noite para jogo de RPG.
2. Destaque os adjuntos dos sujeitos. Em seguida, diga a que classe de palavras pertencem.
 - a) Minha primeira prova de matemática foi uma verdadeira tragédia.
 - b) A biblioteca da escola já está fechada.
 - c) As histórias do barão de Münchhausen são divertidas.
 - d) Um enorme e terrível cão aproximou-se de nós.
 - e) O sangrento destino dos vampiros foi selado com muita água benta.
 - f) Três estrelas anãs e um pulsar foram descobertos a mil e duzentos anos-luz da Terra.
 - g) O alegre canto dos sabiás invadia o quarto pela manhã.
 - h) Algum eleitor engraçadinho escreveu uma bobagem na cédula.
3. Escreva por extenso os seguintes numerais que são adjuntos.
 - a) O 56º aniversário da cidade será comemorado amanhã.
 - b) O 78º aluno da lista é você.
 - c) A 22ª Bienal de Arte provocou reações diferentes nos visitantes.
 - d) O 67º ano da fundação da empresa será o próximo.
 - e) A 99ª candidata acaba de chegar.




Figura 06 – Texto para o ensino dos pronomes como adjunto adnominal na unidade 5 da coleção *Curso Moderno de Língua Portuguesa* para 6ª série.

Na figura 06, observar-se que apenas no exercício 2 apareceu o pronome minha como adjunto e em nenhum momento foi trabalhada a possibilidade de alteração do sintagma [Minha primeira prova de matemática] para [Nossa primeira prova de matemática] ou [A primeira prova de matemática da gente].

Nos livros da 7ª e 8ª série, também esteve presente o pronome A GENTE nos

textos. Após uma análise atenta dos conteúdos trabalhados pelo autor, a fim de identificar alguma menção ao pronome A GENTE, percebemos que se encontravam apenas exercícios de fixação de revisão gramatical, sem nenhuma especificação aos pronomes, nem à possibilidade de variação lingüística de qualquer natureza.

Essa coleção, ainda que de maneira muito restrita, oportunizou aos alunos de 5ª série um breve momento para discutir se existe variação entre a língua falada e a escrita, porém em nenhuma unidade dos 4 volumes trabalhou-se de maneira mais específica essa temática, tampouco fez-se alusão ao pronome A GENTE.

O que se observou foi que, no que se refere ao uso pronominal, o autor não cumpriu seu objetivo de utilizar o conteúdo gramatical como forma de reflexão sobre o funcionamento da língua.

6.2.2 A coleção *A Palavra é sua*, de Maria Helena Correa e Celso Pedro Luft

Essa coleção apresenta um encarte dirigido ao professor com 37 páginas em que se apresentam algumas orientações sobre os conteúdos mínimos, sugestões de atividades complementares, algumas explicações de como o autor pensou a estrutura dos capítulos, a sugestão de uma bibliografia para complementar o estudo do professor para o bom entendimento da coleção e uma vasta referência bibliográfica de sugestão de leitura aos alunos.

Cada volume está organizado em capítulos, não muito diferentes do volume analisado anteriormente. A diferença está em realizar a produção textual como última atividade do capítulo e não antes dos estudos de linguagem e gramática. As temáticas dos textos levantaram questões referentes às diferenças culturais dos povos, repetiu as temáticas que a outra coleção também apresentou dando mais ênfase a textos que apresentam as diferenças sociais. Ao final de cada livro do professor os autores trazem uma reflexão a respeito da dificuldade em se ensinar o Português (cf. figura 07)²⁰.

²⁰ Esta apresentação mereceu do autor 02 páginas do livro, porém, aqui, apresentamos um recorte que consideramos o mais significativo.

Esta coleção surgiu em sala de aula. Antes de sair em livro, foi testada durante seis anos. O objetivo foi plenamente conseguido. Fizemos as aulas girarem em torno da comunicação e não da gramática. A gramática foi ensinada como complemento e sem o peso e o autoritarismo costumeiros. Assim, operamos uma revolução copernicana: destituímos a gramática do centro das aulas e das provas. O resultado foi imediato. Os alunos passaram a criar textos com desenvoltura, criatividade e prazer.

Cada capítulo de nossa coleção tem duas partes distintas: a primeira começa com a preparação da leitura e vai até a redação propriamente dita; a segunda é sobre a gramática. Ou seja, a primeira trata do estudo *da* língua, da comunicação por meio da língua; a segunda centra-se nos estudos *sobre* a língua. Na coleção, expomos toda a gramática que se costuma ministrar na segunda parte do ensino fundamental. Mas o professor não precisa se preocupar em dar tudo. Sugerimos que selecione os tópicos que considere mais importantes em função do ensino *da* língua, ou em que os alunos apresentam mais dificuldades. A propósito, a gramática está no fim de cada capítulo. Não misturamos o ensino *da* língua com o estudo *sobre* a língua.

O ideal seria banir quase completamente a gramática do ensino fundamental. Mas, para isso, seria preciso primeiro eliminar a cobrança gramatical dos concursos e dos exames vestibulares. Os próprios pais dos alunos exigem que seus filhos estudem gramática. No colégio em que a coleção foi testada, um grupo de mães foi reclamar contra a ausência de substantivo abstrato no volume da 5ª série!

Estamos plenamente convencidos de que o êxito da coleção decorre da boa utilização da primeira parte de cada capítulo.

Na seqüência deste manual, exporemos com mais detalhes nossa metodologia, inclusive com algumas amostras das produções dos alunos. Uma coisa é certa: conseguimos fazer os alunos gostarem das aulas de língua portuguesa, principalmente de se expressar em público e produzir textos. O que prova que estamos no caminho certo.

Figura 07 - Abertura o encarte de orientações ao professor da coleção *Curso Moderno de Língua Portuguesa*.

Em toda a coleção ocorreram inúmeras vezes o pronome A GENTE nos textos temáticos. No volume da 5ª série os autores dedicaram-se a trabalhar a criatividade na linguagem escrita. Fizeram uma comparação entre vários pequenos textos e deram espaço ao pronome A GENTE no texto de Millôr Fernandes que classificaram como criativo (cf. figura 08, que segue):

➤ Neste capítulo você vai conhecer e produzir mensagens supercriativas, dignas de serem vistas e lembradas. Afinal, criatividade também se aprende.

Mensagens criativas

O que é um texto criativo? É aquele que apresenta idéias diferentes, incomuns, originais.

O contrário do texto criativo é o **chavão**, ou **lugar-comum**. O texto chavão é aquele muito usado e gasto. Por isso, não impressiona mais, não causa surpresa ou impacto, não desperta o interesse do leitor.

Veja alguns exemplos de chavão:

Agora, veja alguns exemplos de mensagens criativas:

1 Por que este texto é criativo?

A galinha

A galinha é um bicho com seis lados: esquerdo, direito, em cima, embaixo, atrás e na frente. Está sempre limpando os pés como a mãe manda que a gente faça quando entra em casa e a gente não faz. Tem um bico que serve para bicar e um cacarejo que serve para dizer que ela botou ovo. Quando ela não cacareja, então fica resmungando baixinho feito vovó. Quando a cozinheira vai matar ela, a gente morre de pena, mas na hora do almoço ela fica tão gostosa que a gente nem se lembra.

Milôr Fernandez
Pelo modo de descrever a galinha. O autor procurou imitar a redação de uma criança.

132

Figura 08 – Texto para o ensino de produção textual da coleção *A Palavra é sua* para 5ª série

Apesar de os autores trazerem reflexões sobre textos criativos e sobre a linguagem coloquial, observou-se que eles não se permitiram fugir do padrão com relação ao conteúdo gramatical, pois nessa mesma unidade, para apresentarem os pronomes pessoais, sem margem de dúvidas, o velho e tradicional paradigma imperou, como a figura 09 ilustra.



I. Pronomes pessoais

Observe as palavras em destaque nas frases abaixo:

Guilherme enviou um cartão **a Maria**.
Ele **lhe** enviou um cartão.

Na segunda frase, **ele** e **lhe** estão substituindo os nomes **Guilherme** e **Maria**.
 Palavras que substituem nomes são chamadas de **pronomes pessoais**. Além de substituírem os nomes dos seres, os pronomes pessoais indicam as três pessoas gramaticais. Veja:

Pronomes pessoais		Retos	Oblíquos	
			Átonos	Tônicos
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	se, lhe, o, a	si, consigo, ele, ela
Plural	1ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles, elas	se, lhes, os, as	si, consigo, eles, elas

EXERCÍCIOS

1. Reescreva as frases no caderno. Siga o modelo:

Gustavo escolheu **uma gatinha**.
Ele a escolheu.

- O gerente presenteou a secretária. *Ele a presenteou.*
- Flávia achou o cinto. *Ela o achou.*
- Marcos trouxe a caneta. *Ele a trouxe.*

2. Reescreva as frases de acordo com o modelo:

É preciso fazer **mensagens criativas**.
É preciso fazê-las.

- É preciso trazer os cadernos diariamente. *É preciso trazê-los diariamente.*
- É necessário alimentar as crianças. *É necessário alimentá-las.*
- Quero conhecer o Brasil. *Quero conhecê-lo.*

Figura 09 – Texto para o ensino de pronomes pessoais da coleção *A Palavra é sua* para 5ª série

mais restrita. Na 7ª série, o capítulo 9 tratou da revisão das classes de palavras e todos os exercícios envolvendo pronomes foram os mais tradicionais, não fazendo alusão ao pronome A GENTE que ocorria nos textos; e, na 8ª série, não ocorreu em nenhum momento menção ao conteúdo sobre pronomes ou qualquer reflexão sobre variação lingüística.

Nesta coleção, novamente, foi no livro de 5ª série onde mais ocorreu o pronome A GENTE e onde mais os autores abriram para discussões sobre variação lingüística. Infelizmente, a discussão sobre os diferentes usos pronominais no conteúdo específico não foi feita, o que confirma o fosso que existe entre uso e regra gramatical. E o paradoxo, apresentado pelos próprios autores, continua: quanto mais a escola investe no estudo de gramática – vale dizer, no estudo de gramática descontextualizada do uso – menos gramática os alunos aprendem.

6.2.3 Algumas considerações

O uso do pronome A GENTE em maior escala nos textos dos livros didáticos de 5ª série e as discussões sobre variação lingüística e língua coloquial também mais presentes nos livros de 5ª série (nas duas coleções investigadas) vêm apontar que no início da segunda fase do Ensino Fundamental é mais valorizada a variação lingüística, em relação ao seu final, quando praticamente não há mais nenhuma menção aos diferentes usos lingüísticos, apenas a linguagem monitorada e o ensino de gramática normativa têm seu lugar. Talvez essas discussões estejam, em alguma medida, se refletindo na escolha dos textos pelos autores das duas coleções, com variados usos pronominais.

Se tomarmos resultados de estudos sobre a variação pronominal e sobre as produções textuais dos alunos do Ensino Fundamental, podemos dizer que em todas as séries vamos encontrar nos textos dos alunos variados usos pronominais, apesar de a escola não estabelecer uma reflexão a respeito dessa variação. Estudos mostram que nos textos de alunos de 5ª. série normalmente encontramos mais A GENTE do que nos textos de alunos de 8ª. série. Por outro lado, sabemos que os alunos de 8ª. série já apresentam um bom conhecimento da língua padrão, mas não deixam de registrar

algumas variações da língua oral (ou seja, de seu vernáculo) no texto escrito.

Um exemplo desse uso encontramos em produções textuais feitas pelos alunos da Escola de E.B. Frei Policarpo, de Gaspar SC. As produções fizeram parte de um projeto de pesquisa que coordenamos no ano de 2001, quando a coleção *A Palavra é sua* estava sendo usada na rede de ensino público, da qual essa escola faz parte. Nessa pesquisa, os alunos das quatro séries do ensino Fundamental foram convidados a realizar produções orais e escritas como: relato de opinião, relato de procedimento, narrativa pessoal e narrativa recontada. As produções orais foram gravadas e as escritas foram registradas e entregues aos pesquisadores. Nas duas modalidades ocorreu o uso do pronome A GENTE, em todas as quatro séries, embora na língua oral com maior frequência. Constatamos que alunos da 8^a. série também utilizaram no texto escrito a variante A GENTE, como podemos observar nos textos das figuras 11 e 12, que servem apenas para ilustrar esse casos.



Universidade Federal de Santa Catarina UFSC
 Centro de Comunicação e Expressão - CCE
 Pós-Graduação em Linguística – Mestrado

Área - Sociolingüística
 Linha de Pesquisa – Variação Lingüística
 Orientadora – Profª. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho
 Aluna: Márcia M. Junkes.

Texto para pesquisa.

Escola de Educação Básica Frei Polícipio

Aluno(a) Denise Aparecida Rosa

Série/Fase 8ª Turno v Data 26/11/01

<p>Relato de Opinião</p> <p>Eu queria falar sobre os amigos do dia-a-dia que a gente tem. Somos amigos que não sabem nos compreender por qualquer coisa ficam brava, e a gente precisa muito de uma amizade para conversar e desabafar os problemas mas não sabem entender isso</p>

Figura 11 – Produção textual – relato de procedimento -de aluno da 8ª série do Ensino Fundamental com ocorrência do pronome A GENTE



Universidade Federal de Santa Catarina UFSC
 Centro de Comunicação e Expressão - CCE
 Pós-Graduação em Lingüística - Mestrado

Área - Sociolingüística
 Linha de Pesquisa - Variação Lingüística
 Orientadora - Profª. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho
 Aluna: Márcia M. Junkes.

Texto para pesquisa.

Escola E.E. B. "Zerui Policarpo"
 Aluno(a) Eduardo Horst
 Série/Fase 8ª 2 Turno vespa Data 26/11/01

Relato de Procedimento
Portas a gente arrisca faz as medidas e corta tudo certinho e depois a gente só encaixa, e na fechadura faz a mesma coisa e depois é só fazer a mesma coisa na caixa da porta

Figura 12 – Produção textual – relato de opinião -de aluno da 8ª série do Ensino Fundamental com ocorrência do pronome A GENTE

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os resultados das rodadas estatísticas realizadas e uma breve análise dos livros didáticos selecionados para esse trabalho, pode-se levantar, em linhas gerais, algumas considerações que acreditamos serem as mais significativas como resultados dessa investigação.

Aquela inquietação sempre presente, nas longas reuniões de professores de língua portuguesa, quando se discutiam questões relacionadas ao ensino da língua falada e da língua escrita ou ao uso e à norma lingüística, principalmente quando, acrescido dessa discussão, deparávamo-nos com os conteúdos dos livros didáticos de língua portuguesa ainda não está resolvida, mas com a realização deste trabalho, foi possível obter informações concretas para ampliar essa discussão.

Ter estudado mais atentamente os PCNs foi de grande valia, pois observamos que os documentos oficiais que norteiam a educação pública de Ensino Fundamental, no Brasil, conforme apresentamos no capítulo 1, valoriza igualmente a língua que se fala e se escreve fora da escola, e a existente nos textos escritos que circulam socialmente. O ensino, então, deveria dar conta de uma prática educacional que organiza a mediação entre sujeito e objeto do conhecimento, por meio de um planejamento de atividades didáticas que orientem o esforço de ação e reflexão do aluno sobre as variações existentes na língua.

Um olhar mais apurado às análises realizadas sobre os livros didáticos de língua portuguesa, assim como a investida na análise de livros para este estudo, também contribuíram para entender que há uma lacuna entre o que os documentos oficiais preconizam desde 1998 e o que se publica nos livros didáticos para o ensino de língua materna, ainda hoje.

Além dessas preliminares, o presente estudo apresentou como foco principal os pronomes pessoais na função de sujeito, em especial, o comportamento dos pronomes de primeira pessoa do plural (NÓS e A GENTE) nos textos de duas coleções de livros didáticos do Ensino Fundamental, indicados pelo MEC – Ministério da Educação e Cultura, mais precisamente em uma coleção publicada em 1996 e outra em 2000, totalizando 8 livros.

Partimos da hipótese central de que há variação das formas pronominais de

primeira pessoa do plural em nossas amostras e essa variação **não** está vinculada à descrição do A GENTE como pronome, nos exercícios de gramática constantes nos livros didáticos. Nossa hipótese foi confirmada. É como se os autores dos livros fossem cegos à variação encontrada nos textos literários, com a introdução do A GENTE.

Analisamos, então, a alternância dos pronomes pessoais sujeito de 1ª pessoa, NÓS/A GENTE, na língua escrita, apresentada nos textos literários que compõem 8 livros didáticos utilizados por estudantes das séries finais do Ensino Fundamental, com o intuito de procurar uma explicação para os diferentes usos lingüísticos em confronto com a norma padrão.

Ao todo foram elencados 7 grupos de fatores lingüísticos e estilísticos com hipóteses específicas para testar o objetivo da pesquisa, entre eles: pessoa do discurso, paralelismo formal, preenchimento do sujeito, saliência fônica, gênero textual, finalidade do texto, série de estudo e autor/coleção.

Também foi realizada uma análise qualitativa de cada coleção, série por série, com o intuito de averiguar se há de fato uma preocupação dos autores ou editoras em apresentar, nos livros, questões sobre a valorização da variedade lingüística, visto que uma das coleções fora publicada após a divulgação dos PCNs.

De toda forma, os resultados que obtivemos são considerados por nós bastante importantes e podem contribuir para o aprofundamento futuro deste estudo.

Analisando, primeiro, os resultados das rodadas produzidas pelo VARBRUL, a distribuição geral da variação entre NÓS e A GENTE, na escrita dos textos em livros didáticos, prevaleceu o uso de NÓS, foram 225 ocorrências; e 93 com o pronome A GENTE, ou seja 29% das ocorrências foram com o pronome A GENTE e 71% foram com o pronome NÓS. Esperava-se, de fato, a predominância do pronome NÓS, mas surpreendeu o alto índice de ocorrência do pronome A GENTE tratando-se de língua escrita; o que comprova a variação, pois a partir do momento em que uma variação lingüística está no âmbito da escrita, e, aqui nesse caso, uma escrita que foi escolhida pelos autores para servir como ponto de partida e de reflexão dos conteúdos apresentados nos livros didáticos, trata-se, segundo a Sociolingüística, de uma variação em processo de mudança, ainda que não oficializada.

O grupo de fatores selecionado como o mais favorável à ocorrência do

pronome A GENTE foi o Preenchimento do sujeito. Dentre as 93 vezes em que ocorreu o pronome A GENTE, 84 vezes ele foi escrito com o sujeito preenchido, o que lhe rendeu .97 PR e por esse motivo foi selecionado como o grupo mais significativo pelo programa estatístico. O resultado respondeu completamente à hipótese levantada para esse grupo de fatores; ou seja, que o pronome sujeito A GENTE deveria deter o maior percentual de preenchimento em relação a NÓS, porque a ausência da marca flexional do sujeito no verbo não serve para identificar a pessoa do discurso, como no exemplo: “ *Será que foi alguma coisa que a gente não **comeu**?*”

Na seqüência, a segunda variável selecionada foi o grupo de fatores Saliência fônica. Entre as 93 ocorrências do pronome A GENTE, 75 foram em uma das três situações do nível de menos saliência. O pronome A GENTE ocorreu com maior freqüência em contextos em que os verbos não tendem a apresentar mudanças fônicas muito distintas do que se utilizaria com o pronome NÓS.

O Gênero textual ocupou a posição de terceiro grupo de fatores mais importante. Nossa hipótese estava centrada na afirmação de que os textos narrativos detivessem maior ocorrência do pronome A GENTE e os gêneros poético e argumentativo detivessem maior ocorrência do pronome NÓS. Em 50% dos textos que apresentaram peças teatrais ocorreu o pronome A GENTE e também em 32% dos textos como Contos, Crônicas e Fábulas, somando 82% de ocorrência do pronome A GENTE nos textos considerados narrativos. A narrativa apresenta em sua linguagem uma retratação mais próxima da língua falada, o que justifica o alto índice de ocorrência de um fenômeno de variação lingüística.

Em quarta posição está o grupo de fatores lingüísticos Pessoa do discurso. Nesse grupo de fatores a hipótese levantada se confirmou em parte. Inicialmente acreditava-se que o pronome A GENTE ocorreria com maior incidência quando a pessoa do discurso fosse indeterminada, de fato ocorreu, mas em segunda posição. A primeira posição ficou com o sujeito determinado de primeira pessoa *EU*, em 57% dos casos o pronome A GENTE o substituiu, seguido de 34% dos casos em que o sujeito indeterminado foi substituído pelo pronome A GENTE. Esse indicador vem ao encontro do que Zilles (2003) já evidenciava em seus estudos com base na língua falada entre as décadas de 70 e 90 e, ao que tudo indica, está também, ocorrendo na língua escrita.

Para finalizar a discussão sobre os grupos de fatores mais importantes, o quinto a se destacar nessa escala é a Série de estudo. Nos textos publicados nos livros destinados à 5ª série ocorreram 40% dos pronomes A GENTE. Esse indicador confirmou a hipótese que levantamos de que, com o incentivo nos documentos oficiais que norteiam as diretrizes para o ensino de língua materna, de que o aluno deve conhecer e usar as variedades lingüísticas, o pronome A GENTE deve concorrer com o pronome NÓS, nos textos dos livros didáticos de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental, principalmente nas séries iniciais, quando ainda não está presente na linguagem monitorada.

Para finalizar a análise dos dados, retomamos aqui, a nossa hipótese geral, para confirmar que ela se cumpriu. Em nenhum dos livros, mesmo com tantas ocorrências do pronome A GENTE, encontraram-se atividades ou exercícios de gramática que fizessem alusão a essa variação nos textos literários, de forma que entendemos que esse pronome ainda está às cegas aos olhos dos autores dos livros, ou quem sabe os autores preferem **não** sair de uma área de conforto oferecida pela GT e discutir variação lingüística.

No entanto, é possível considerar que a coleção *A palavra é sua*, publicada em 2000, já reflete, pelo menos minimamente, a influência dos PCNs. Percebemos com mais clareza essa intenção dos documentos oficiais quando comparamos os objetivos dos dois autores. Os autores da coleção *A Palavra é sua* expressam seu entendimento sobre o ensino de gramática de forma que “quanto mais a escola investe no estudo de gramática, menos gramática os alunos aprendem” (CORREA e LUFT, 2000. p.23); isso se revela principalmente no livro de 5ª. série, que abre para reflexão. Essa reflexão também está presente naquilo que os PCNs preconizam, como podemos conferir no trecho abaixo:

O ensino de Língua Portuguesa, pelo que se pode observar em suas práticas habituais, tende a tratar essa fala da e sobre a linguagem como se fosse um conteúdo em si, não como um meio pra melhorar a qualidade da produção lingüística. É o caso, por exemplo, da gramática que, ensinada de forma descontextualizada tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano – uma

prática pedagógica que vai da metalíngua para a língua por meio de exemplificações, exercícios de reconhecimento e memorização de nomenclatura. Em função disso, tem-se discutido se há ou não necessidade de ensinar gramática. (PCN, 1998. p.39)

Na coleção *Curso Moderno de Língua Portuguesa* a concepção de ensino de gramática foi apresentada em sua introdução “como uma forma de conduzir o aluno a uma reflexão sobre o funcionamento da língua portuguesa” (Tufano,1996. p.175), conceito este que só ficou no papel e não se evidenciou nas atividades propostas pelo autor e, portanto, não está afinado com o que diz os PCNs:

“Se o objetivo principal do trabalho de análise e reflexão sobre a língua é imprimir maior qualidade ao uso da linguagem, as situações didáticas devem, principalmente nos primeiros ciclos, centrar-se na atividade epilingüística, na reflexão sobre a língua em situações de produção e interpretação, como caminho para tomar consciência e aprimorar o controle sobre a própria produção lingüística”. (PCNs, 1988. p. 39).

A escola é considerada uma das entidades mais influentes na formação de uma pessoa, nela e implicitamente nos livros que utiliza, pode-se criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça as necessidades de relacionamento no ambiente social em que se vive. O preconceito disseminado na sociedade em relação à variação lingüística deve ser enfrentado nas aulas de língua materna como um objetivo educacional mais amplo para a observação sobre o fato de que uma língua está em constante mudança; e, para isso, o professor deve entender que a escrita é reflexo da fala, e conseqüentemente não seria possível “consertar” a fala de nossos alunos para que eles escrevessem melhor.

8 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BECHARA - *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro :Lucerna, 2001.

BECHARA, Evanildo. *Ensino de Gramática. Opressão? Liberdade?* São Paulo: Ática. 1985

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral I*. Pontes, Campinas/SP 4ª ed. 1996.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Vozes, Petrópolis/RJ, 2ª ed. 1970.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua padrão*. In: *Lingüística da Norma*, BAGNO, Marcos (Org). São Paulo: Loyola, 2002.

CEDERGREN, Henrieta & SANKOFF, David. *Variable rules: performance as a statistical reflection of competence*. Language, 1974.

CORREA, Maria Helena e LUFT, Pedro Celso. *A palavra é sua*. São Paulo: Scipione, 1995.

CYRINO, Sonia M.L. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos . In I.Roberts & M.A.Kato (orgs) : 163-184, 1993.

DUARTE, M.E.L. *Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil*. In: Roberts & Kato (orgs). *Português Brasileiro: uma viagem*

diacrônica. Campinas: UNICAMP, 1993.

DUARTE, M.E.L. *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*. Tese de Doutorado. UNICAMP: São Paulo, 1995.

FARACO, Ataliba de Castilho. *Norma-padrão brasileira:desembaraçando alguns nós*. In: BAGONO, Marcos (org). *Lingüística da Norma*. São Paulo:Loyola, 2002.

FREITAS, Judithe Maria. *Os pronomes pessoais sujeito no Ensino Fundamental*. Salvador: EDUFA 1997a

FREITAS, Judithe Maria. *Os pronomes pessoais sujeito no Ensino Médio*. Salvador: EDUFA 1997

KATO, Mary A. *Gramática do Português Falado*. vol. V. Campinas: Fapesp/Editora da Unicamp, 1996.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: Philadelphia Univ. Press, 1972.

LABOV, W. *The Reflexion of Social prosses*. In *Linguistic Structure*. In: FISHMAN, JOSHUA. The Hauge: Mouton, 1969

LAVANDERA, Beatriz. *Variación y Significado*. Buenos Aires: Hachette, 1984.

LEMLE, Mirian e NARO, Antony Julius. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: Fundação Ford, 1996.

LOPES, Célia Regina. *A inserção do a gente no quadro pronominal do português*. UFRJ: 1998. Tese de Doutorado.

LOPES, Célia Regina. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. UFRJ: 1993.

Dissertação de Mestrado.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. In: *Lingüística da Norma*. BAGNO, M. (Org). São Paulo: Loyola, 2002.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. *Variação, mudança e norma*. In: *Lingüística da Norma*. BAGNO (Org). São Paulo: Loyola, 2002.

MEC, Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. 2ª ed., Rio de Janeiro: DP&A, 1998

MENON, Odete Pereira a Silva. *A gente, eu, nós: sintomas de uma mudança em curso no português do Brasil?* Anais do ELFE. Maceió:UFAL, 1995

MENON, Odete Pereira da Silva. *O sistema pronominal do português do Brasil*. Revista Letras. Curitiba, 1995.

MENON, Odete Pereira da Silva. *Uso dos pronomes sujeito de 1ª pessoa: uma análise sociolingüística*. Tese concurso UFPR – Curitiba 1996.

_____. *A gente: um processo de gramaticalização*. Estudos Lingüísticos, XXV: 622-628 Anais do XLIII Seminário GEL – UNAERP, Ribeirão Preto 1996.

_____. *Pronome de segunda pessoa no Sul do Brasil: tu/você/o senhor em Vinhas da Ira*. Revista de Letras de Hoje – Porto Alegre v. 35, n. 1, p. 121-164, 2000.

MOLLICA, M. C. *Introdução à sociolingüística variacionista*. Rio de Janeiro UFRJ, 1992.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva, COELHO, Izete Lehmkuhl. *Um estudo da*

concordância verbal de terceira pessoa em Florianópolis. In: Variação e mudança no português falado na região sul. p. 189 – 216, Org. VANDRESEN, Paulino – Pelotas, Educat 2002

MONTEIRO, José Lemos. *Pronomes Pessoais – subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: EUFC – 1994.

_____. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000

MONTEIRO, José lemos. *Os pronomes pessoais no português do Brasil*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, 1991.

OMENA, N.P. *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 1978.

OMENA, N.P. *Projeto subsídios sociolingüísticos do projeto censo á educação*. Vol. II. Relatório final apresentado ao INEP, 1996.

OMENA, N.P. e BRAGA, M.L. *A gente está se gramaticalizando?* In: MACEDO, A. (Org) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Brasileiro, 1996.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. *Variação e funcionalidade no uso de pronomes de 2ª pessoa do singular no português carioca*. Revista de Estudos Lingüísticos. Belo Horizonte. V.7, p.121-138, 1998

PINTZUK, Suzan. *VARBRUL programs*, inédito (1988)

PINTO, E. P. & FIORETT. *O Português Popular Escrito*. São Paulo: Contexto 1992.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar Gramática na escola*. 5ª ed. Campinas: Mercado das Letra, 1996.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *A concordância de número no Português do Brasil: um caso típico de variação inerente*. In: *Diversidade Lingüística no Brasil*. Org. HORA, Demeval. João Pessoa: Idéia, p. 98-114, 1997.

SILVA, Ivanilde. *De quem nós/a gente está(mos) falando afinal?: uma investigação sincrônica da variação entre nós e a gente como estratégias de designação referencial*. Florianópolis: UFSC, 2004. Dissertação de Mestrado

TAMANINE, Andréa. *A alternância de nós/a gente no interior de Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado. Curitiba, UFPR, 2002

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo, Ática, 1985

_____. *Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d' aquém e d' além-mar ao fianl do século XIX*. In: ROBERTS & KATO (orgs), p. 69-105, 1993

TEYSSIER, Paul *La langue de Gil Vicente*. Paris: Klincksiech. 1982

TUFANO, Douglas. *Curso Moderno de Língua Portuguesa*. São Paulo: Moderna, 1997.

VANDRESEN, Paulino. *Sociolingüística e Ensino: O sistema pronominal e a concordância verbal no português falado na região sul*. In: *Lingüística Aplicada – Uma homenagem a Hilário Bohn*. 2001

WEINER, J. e LABOV, W. *Constraints on the agentless passive*. In: *Journals of Linguistics*, 1983, nº 19.

ZILLES, Ana Maria. *Real, apparent, or both? There types of evidence for a grammaticalization change in progress in Brazilian Portuguese*, 32 nd NWAWE – University of Pennsylvania. Philadelphia, 2003

ANEXOS

ANEXO A

Categorização dos dados de nós e a gente

De acordo com o manual do VARBRUL, traduzido para o português por Ivone I. Pinto, alimentamos a base de dados desse programa utilizando os seguintes códigos que serviram de Legenda do Envelope de Variação:

Variável Dependente

1. NÓS e A GENTE

Código

N Nós

G A gente

Variáveis independentes

2. Pessoa do Discurso

Código

0	nós ou a gente: eu
1	nós ou a gente: eu + tu
2	nós ou a gente: eu + tu + ele(s)
3	nós ou a gente: eu + ele(s)
4	nós ou a gente: genérico (todos)

3. Referencialidade

Código

1	primeira entrada
a	antecedente nós ou a gente igual
b	antecedente nós ou a gente diferente
c	antecedente zero/mos igual
d	antecedente zero/mos diferente

4. Preenchimento do Sujeito

Código

S	SIM sujeito preenchido
N	NÃO sujeito não preenchido

5. Saliência fônica

Código

N	Menos saliente – nível 1
S	Mais saliente – nível 2

6. Gênero Textual

Código

C	conto
j	jornal
p	poesia
f	fábulas
t	teatro

7. Finalidade do Texto

Código

i	interpretação
x	produção textual
g	ensino de gramática
o	oralidade

8. Série

Código

5	5a série
6	6a série
7	7a série
8	8a série

Autor do livro/coleção

Código

L	livro de Luft
T	livro do Tufano

ANEXO B

Exemplos de dados categorizados.

G4aSNpo5T	95. “... <u>a gente</u> perde ...” (p.9)
N31SNC06T	136. “ <u>Bia e eu</u> somos capazes...” (p.24)
N3aSNC07T	192. “ <u>Nós</u> somos homens...” (p.57)
N31NNCx8T	257. “ Ouvimos uma voz bradar...” (p.17)
G31SNC05L	4. “...à noite <u>a gente</u> conversa ...” (p.50)
G41SNCi6L	25. “...nada do que <u>a gente</u> faz ...” (p.87)
G31SNCi7L	69. “Chantagear <u>a gente</u> para não fumar ...” (p.160)
G4aSnji8L	88. “... o que <u>a gente</u> planta aqui...” (p.122)

ANEXO C

Texto do livro didático de 5ª série da coleção Curso Moderno de Língua Portuguesa utilizado na pesquisa.

O escritor é você

Crônica

Para começar, releia o texto *Reminiscência*, que apresentamos em **Para ler e curtir**. É uma crônica narrada em primeira pessoa, contando a experiência pessoal do autor.

Depois, leia este trecho de crônica, narrada em terceira pessoa pelo escritor Lourenço Diaféria, com muito bom humor.

As aventuras de um ciclista urbano

Sensível ao apelo do governo para economizar gasolina e, no íntimo, coagido pela insuficiência da verba para combustível (nesta altura do orçamento já plenamente comprometida), não lhe restou outro recurso senão adotar a bicicleta.

Chamou a mulher de lado, confidenciou:

— Prepara minha sunga esportiva; amanhã vou trabalhar de selim e guidão.

Estava um pouco destreinado. Faltava-lhe o equilíbrio dos velhos tempos e, para evitar o fiasco diante dos vizinhos, saiu de casa às 5 da matina.

Cruzou com o leiteiro. Quis fingir que não viu, mas sem resultado:

— Força, doutor. No começo a gente padece mesmo. No fim é moleza.

Ficou em dúvida se pegava a avenida Heitor Penteado ou se descia pela Água Branca. Lembrou-se da subida da Pompéia, não ia agüentar o repuxo. Melhor não arriscar. Escolheu as ruas mais planas, no sexto quarteirão já bufava. Respirou fundo, enchendo os peitos. Desembocou a custo nas Perdizes em frente ao elevador Costa e Silva — o tal Minhocão. Mentalmente mediu o percurso, nem lhe passou pela idéia que é proibido o trânsito de ciclistas no elevador. Quando deu fê já estava nele. Atrás de si, a fila de carros. Por cautela, conservava a direita, mas a providência não lhe poupou o dissabor de algumas diatribes. Um sujeito barbudo, dirigindo um fusca, chamou-o de molenga. Outro lhe mostrou a língua, em atitude altamente obscena. E até uma mulher se julgou no direito de desacatá-lo: — Folgado, hem, cara!

Por um momento sentiu a tentação de saltar lá de cima, com bicicleta e tudo, mas o senso do dever, o espírito cívico e o apelo governamental estimularam-no a prosseguir pedalando.

(...)

Lourenço Diaféria. In: *Para gostar de ler*. São Paulo, Ática, n. 7, 1982. pp. 48-9.

Algumas páginas atrás, você leu uma crônica. A crônica é um texto, geralmente publicado em jornais ou revistas, que fala sobre temas atuais de forma livre e espontânea. Às vezes triste, às vezes humorística, a crônica é a fotografia de um momento real, filtrada pela sensibilidade e pelo ponto de vista de seu autor.

VOCABULÁRIO

coagido: impelido, forçado.

comprometida: esgotada, com a destinação resolvida.

fiasco: fracasso.

providência: destino.

diatribes: críticas.

desacatá-lo: faltar-lhe com o respeito.

senso: noção.

ANEXO D

Texto do livro didático de 6ª série da coleção Curso Moderno de Língua Portuguesa utilizado na pesquisa.

Pausa para um bate-papo

O **pôr-do-sol**, assim como muitos outros fenômenos da natureza, recebeu um nome que não o explica totalmente; essa imprecisão na definição dos fenômenos acontece em outras expressões de nossa língua: pé-de-vento, estrela cadente, língua de fogo, braço de rio, olho de furacão. São expressões que usam a **linguagem figurada**, que sugerem “figuras”.

Leia agora este texto, que também fala do pôr-do-sol. Um diálogo entre um homem da Terra e um garoto que veio de um pequeno planeta.

- Gosto muito de pôr-de-sol! Vamos ver um...
- Mas é preciso esperar...
- Esperar o quê?
- Esperar que o sol se ponha.

Tu fizeste um ar de surpresa, e, logo depois, riste de ti mesmo.

Disseste-me:

- Eu imagino sempre estar em casa!

De fato. Quando é meio-dia nos Estados Unidos, o sol, todo mundo sabe, está se deitando na França. Bastaria ir à França num minuto para assistir ao pôr-do-sol. Infelizmente, a França é longe demais. Mas no teu pequeno planeta, bastava apenas recuar um pouco a cadeira. E contemplavas o crepúsculo todas as vezes que desejavas...

- Um dia eu vi o sol se pôr quarenta e três vezes!

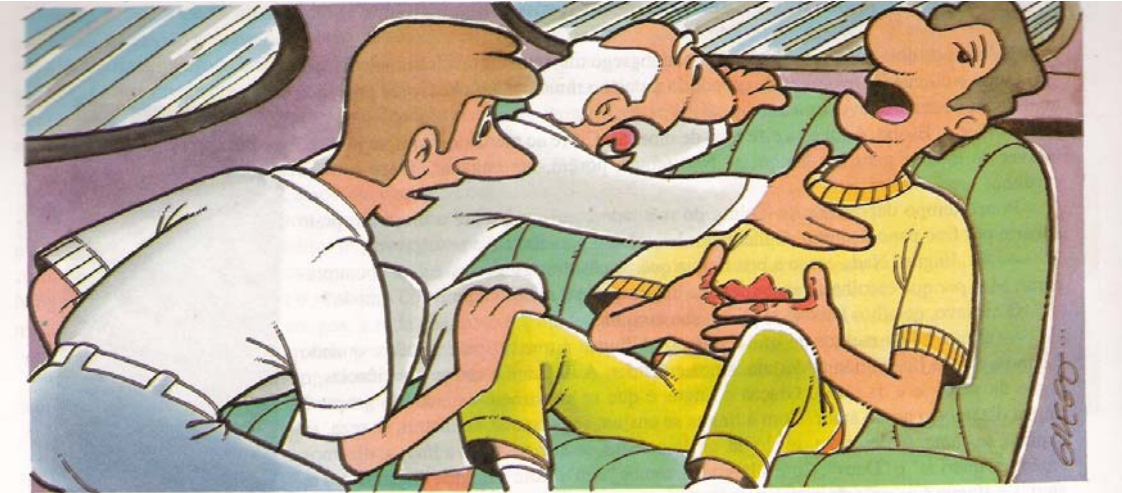
E um pouco mais tarde acrescentaste:

- Quando a gente está triste demais, gosta do pôr-do-sol...

Antoine de Saint-Exupéry. *O pequeno príncipe*.
Rio de Janeiro, Agir, 1994. pp. 24-5.

ANEXO E

Texto do livro didático de 7ª série da coleção Curso Moderno de Língua Portuguesa utilizado na pesquisa.



Força jovem

- Um tiro! Depressa...
- Aaaai, o que foi? Paulo, onde está o Paulo?
- Polícia... baleado no carro...

Choro, passos apressados, a voz da mãe vindo alta, gritos de seu Heitor e pancadas na porta. No meio desse pesadelo, Carolina foi despertando. Olhou o relógio de cabeceira: duas e meia. Da madrugada.

- Carolina... anda, menina! Depressa! — gritava dona Maria, com seu sotaque lusitano.

Carolina abriu a porta e encarou uma mãe ainda de camisola, despenteada, chorando e tentando falar. Os soluços não deixavam.

- Mãe, o que foi?
- O seu irmão... foi baleado.
- Baleado? Mas como...?

Seu Heitor já havia descido de elevador com os colegas de Paulo, que tinham vindo avisar. Carolina vestiu um *jeans* e enfiou uma camiseta; nem esperou pela mãe.

Ainda viu o irmão. Deitado no banco de trás de um fusca. Paulo estava pálido demais, olhos avermelhados. A grande mancha vermelha em sua barriga mostrava a Carol que aquilo não era pesadelo: era real.

- PAULO! Pai, o que foi...

Um transtornado seu Heitor gritava com os amigos de Paulo, agitava os braços, tremia...

— Por que vocês não levaram ele num hospital, ô raios? Depressa pro Hospital das Clínicas, anda... eu dirijo... — Depressa, seu Heitor se fez motorista, o carro partiu em velocidade. Carolina guardava a imagem do rosto sofrido do irmão indo embora.

E, sem saber como, ela se viu ao lado da mãe, ambas enfiadas num táxi junto com dois outros colegas de Paulo, também indo ao hospital.

Foi na sala de espera, chorando mansinho, que mãe e filha souberam direito o que havia acontecido. Otávio, colega de Paulo, ia falando, enquanto olhava as próprias mãos trêmulas, apertando uma na outra.

— A gente tava saindo de uma lanchonete, perto do edifício onde vocês moram. Tínhamos tomado umas cervejas, conversado... A porta da lanchonete já estava fechada. Aí apareceu o carro da polícia. Os caras já vinham de arma na mão... Queriam saber da droga. A gente falou que não tinha droga nenhuma. Eles encostaram a gente na parede, deram um tapa no Afonso, gritavam, diziam que conheciam muito bem a gente, que a gente era traficante... O Paulo tentou dizer que morava perto, que era estudante... Deram um murro nele, e ele, sei lá, fez um gesto... Acho que ameaçou... Atiraram nele.

A voz de Otávio vinha rouca, as palavras em tom baixo. Carolina encarava a parede branca à sua frente, via o irmão caindo, segurando a barriga com as mãos... Estava há uma hora na mesa de operações. Otávio ficou quieto. Era o único que estava com Carolina e dona Maria, os outros três colegas e seu Heitor tinham ido à delegacia.

- Que desgraça... por que Deus foi fazer uma coisa dessas com ele? — falou dona Maria, enxugando os olhos.
- Deus não tem nada com isso, mãe. É coisa dos homens mesmo... — falou Carolina, com uma raiva tão grande que ela mesma se surpreendeu.


ANEXO F

Texto do livro didático de 8ª série da coleção Curso Moderno de Língua Portuguesa utilizado na pesquisa.

Menino pequeno

Ele descia a ladeira e vinha só. De cor era branco, de tez era pálido — dessa brancura descorada de criança que não come vitamina, filho de emigrante pobre que não herdou as cores rosadas da gente da terra velha e não adquiriu ainda o moreno igualitário da terra nova. Num pé só, calçava um acalanhado sapato de lona. No outro, uma tira negra encordoada, que há tempos fora uma atadura. Vestia uma jardineira azul, que na certa pertencera a um menino mais velho, pois a barra das calças arrastava atrás; os bracinhos nus, ao frio da manhã sem sol, de tão arrepiados eram ásperos, azulados.

É de notar que o pequeno, ao descer assim a ladeira empedrada, não ia à toa, tinha um propósito, embora singular. Porque na mãozinha suja como ~~de~~ todo, carregava — calculem! — carregava uma rosa. Uma grande rosa cor-de-rosa propriamente dita, tão bela, tão preciosa, dessas que só medram em jardim de governo ou em jardim de rico, pétalas de porcelana, mal desabrochada, formosa, frágil como uma bolha de sabão. E o pequeno, evidentemente, tinha consciência daquela beleza e daquela fragilidade. Pois caminhava de leve, a mão direita que segurava a rosa era mantida rígida, embora um pouco trêmula, e a mão esquerda de vez em quando se erguia à frente para afastar da flor uma rajada de ar, ou qualquer perigo invisível — assim como a gente levanta a mão a fim de proteger a luz de uma vela.



135

ANEXO G

Texto do livro didático de 5^a série da coleção *A palavra é sua* utilizado na pesquisa.

Entre moscas e urubus

Treze crianças vivem como bichos na beira da rodovia que liga os municípios de Palmares e Xéxeo, a cerca de 120 quilômetros do Recife. Comem mangas, melancias e carnes estragadas e bebem restos de leite azedo deixados em sacos plásticos. Dividem o espaço com moscas e urubus. Moram em barracos de papelão e madeira com os pais no lixão “Chareta”, como é conhecida a área. Ali, crianças como Elival Esteves da Silva, dez anos, também trabalham. Ele separa latas, ferro e papel. Vende o quilo de ferro a R\$ 0,03, o papel a R\$ 0,05 e o plástico a R\$ 0,06. “Não dá para nada, mas é o único jeito de a gente não morrer de fome”, diz o garoto.

ISTOÉ, n. 1439, 30/4/97, p. 41



ANEXO H

Texto do livro didático de 6ª série da coleção *A palavra é sua* utilizado na pesquisa.

Diário de um adolescente hipocondríaco

Sábado, 15 de junho

Passei a manhã inteira lendo um monte de revistas velhas de ciclismo que o Sam me emprestou. Ele ainda sonha em vencer o Tour de France correndo numa Peugeot. A dor na barriga passou. É engraçado. O meu corpo fabrica uma dor, e depois ela some sem eu saber por que apareceu. É como se ela se curasse sozinha. O meu raciocínio foi interrompido por um grito da Susie. Ela estava procurando uma fita durex para fazer um cartão de aniversário para o papai. Mas o que acabou encontrando foram alguns cigarros escondidos dentro de uma lata que ele usa para guardar bugigangas. Há um mês, ele disse que tinha parado de fumar. A gente não acreditou, porque a garagem ainda fede a cigarro de vez em quando. Agora a gente chegou à conclusão de que o único jeito é a guerra. Fui até a loja de brinquedos mais próxima e comprei um pacote de estalinhos. Peguei os três cigarros do papai que tinham sobrado e enfiar dois estalinhos em cada um. Coloquei a lata no lugar com todo o cuidado possível.

Parecia que o dia não ia acabar nunca. De vez em quando eu olhava para a Susie, e a gente não conseguia parar de rir. Meus pais sabiam que a gente estava aprontando alguma, mas não contamos o que era. Um pouco antes do jantar, papai desapareceu, dizendo que ia ao banheiro. Um minuto depois o banheiro explodiu, e o papai soltou um BAITA palavrão. Um dos que ele sempre diz PRA GENTE não usar, é claro. A Susie e eu tivemos um sério ataque de riso, e a mamãe lançou um DAQUELES olhares para nós. Depois de cinco minutos de silêncio, papai apareceu sem falar nada, mas chupando uma bala de hortelã. Eu já tenho uma certa experiência para reconhecer o cheiro de drops misturado com fumaça de cigarro, apesar de o hálito do meu pai ter um leve toque de pólvora.



O clima no jantar estava meio tenso. A Susie não resistiu à tentação de repetir uma coisa que eu tinha contado a ela:

ANEXO I

Texto do livro didático de 7^a série da coleção *A palavra é sua* utilizado na pesquisa

2/agosto/1973

Seu Nelson, meu querido.

Sempre estou pensando em você. Isto me torna muito alegre, pois é muito bom a gente pensar nas pessoas que a gente gosta. Principalmente antes de chegar o sono, e todas as luzes já estão apagadas. Também quando a gente acorda, e as cigarras estão morrendo de cantar nos galhos das árvores (Aliás, você sabia que quando as cigarras começam a cantar elas só param quando ficam vazias e morrem? Elas cantam, de fato, até morrer). Há coisas realmente belas e estranhas no Universo — tanto na nossa Terra quanto em outros planetas. Por exemplo, nos planetas Saturno e Netuno não existe água. As criaturas que talvez vivam lá tomam amônia, ao invés de água (a amônia para nós é um líquido horrível; é a amônia que dá este gosto amargo na urina. Já pensou?). Mas eu acho também maravilhoso isto de a cigarra só parar de cantar quando morre. Você não acha? A nossa Terra é maravilhosa — os homens é que precisam ser um pouquinho melhores do que são. Eu acho que quando você for grande o nosso mundo será um pouquinho melhor: não haverá guerras, nem haverá pobres, nem prisões. Acho que, quando você estiver na minha idade, os aviões só servirão para as pessoas viajarem de um lugar para o outro. Os aviões não servirão para jogar bombas. Em nenhum lugar do mundo.

Você também não gosta de pensar, imaginar como será no futuro? Eu sei que você gosta. Você é um menino que tem muita imaginação! Eu acho que na inteligência (e em sorte no jogo!) você puxou a sua mãe. Mas na imaginação puxou a seu pai.

ANEXO J

Texto do livro didático de 8^a série da coleção *A palavra é sua* utilizado na pesquisa

Janelas

Este mundo é mais complicado do que parece. Abra bem seus olhos de ver, acenda seus ouvidos de escutar, ative seu faro de cheirar, mobilize o tato de apalpar e sentir, use a boca de **degustar**¹. Só com tudo isso funcionando, você ficará atento para ver o que sucede.

5 Esses chamados sentidos são as janelas que você tem no corpo para não
 → ficar aí, besta, feito uma pedra. A gente só pode conhecer e diferenciar um
 cágado² de uma flauta, ou de uma bananeira, olhando, vendo, cheirando,
 ouvindo suas falas — se é que falam —, apalpando, para sentir sua forma e
 superfície e até provando, com a língua, sem exagerar. Cuidado com a cacá!

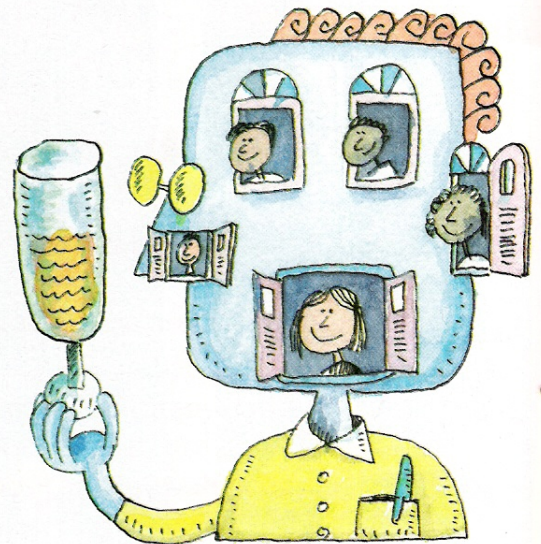
10 Além de ficar todo aceso para se situar no mundo e perceber como to-
 das as coisas são, trate, também, de se informar. Os cientistas estão estudan-
 do as coisas há muito tempo e acumularam uma quantidade enorme de
 → conhecimentos. Grande parte é inútil para a vida prática da gente; mas sem-
 pre é bom ir sabendo o que mais se possa.

15 → A última coisa que aprendi, e que me deixou meio perplexo, ou seja,
 assustado, impressionado, foi numa conversa
 de cientistas. Eles diziam que qualquer coisa
 que você pegue e examine bem é feita da mes-
 ma coisa: os átomos. Combinações diferentes
 20 desses átomos é que dão água, carvão ou ouro.
 Muita gente gastou a vida e perdeu a cabeça,
 querendo converter terra à-toa em ouro e pra-
 ta. Os cientistas dizem que qualquer dia se con-
 seguirá, porque tudo é a mesma coisa. Você
 25 crê?

Como é que um dente arrancado da boca de
 um menino, um dente velho, jogado no lixo,
 uma laranja azeda, um sapato novo, lustroso,
 um copo d'água são feitos dos mesmos tijolos,
 30 esses chamados átomos? Eu não sei, não. Pro-
 cure se informar.

1. Avaliar ou provar pelo gosto ou paladar.

2. Espécie de tartaruga terrestre e de água doce.



Darcy Ribeiro